

ESSAS BÍBLIAS CATÓLICAS!!!

***Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)***

Edições Cristãs

ÍNDICE

- A mesma tese católica que se repete
- Violência com virulência
- Uma recomendação importante
- A versão de Matos Soares
- A versão da Editora “Ave Maria” Ltda.
- A versão da Bíblia divulgada pela Enciclopédia Barsa
- “A Bíblia mais bela do mundo”
- A versão do Pontifício Instituto Bíblico de Roma,
- Finalizando
- Documentos em Apêndice

.oOo.

A MESMA TESE CATÓLICA QUE SE REPETE...

Gutenberg, ao inventar a imprensa em 1439, trouxe graves problemas para o clero. Colocou-o em sobressaltos porque o seu primeiro livro impresso foi justamente a Bíblia.

Antes, as cópias existentes serviam apenas os mosteiros, os templos e as universidades e não chegavam às mãos do povo. E nem os “hereges” conseguiriam exemplares para isto.

A imprensa agora iria na certa facilitar a divulgação da Bíblia, o que se constituiria em terível ameaça para as doutrinas clericais.

Mas, para grandes males, grandes remédios...

E o grave perigo daquele momento deveria ser superado pela violência.

Em consequência, quantos exemplares da Bíblia incinerados nas fogueiras inquisitoriais! Nas programações das chamadas “santas missões” sempre havia, como parte importante, a entrega desses volumes feita pelos fiéis a fim de serem “solenemente” reduzidos a cinzas.

No cumprimento entusiasta de normas estabelecidas pelo Concílio de Trento, toda violência deveria ser adotada “para reprimir a petulância a fim de que ninguém, movido pela sua própria competência nas coisas relativas à fé e aos costumes pertencentes à edificação da doutrina cristã [isto é, católica], torça para o seu modo de entender a Sagrada Escritura, contrariando o sentido aceito pela santa madre igreja, a quem cabe julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras o contrariando o unânime consenso dos padres” (Sessão IV do Concílio Ecumênico de Trento, de 8 de abril de 1546).

A tese contida neste item tridentino é, pois, a seguinte: Cabe à santa madre igreja – a católica romana, como se deve entender – o munus de julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras. Só ela tem autoridade legítima para esta tarefa. Interpretações que lhe escapem os interesses, embora procedentes da clareza do texto, são heréticas.

E, em decorrência desta tese, surgiram as normas repressivas àqueles que pretendiam divulgar a Bíblia sem se submeter à “santa madre”.

A tese, o princípio dogmático, não muda. As normas táticas de fazê-la cumprida e vitoriosa, no entanto, podem mudar.

Naquela época, quem quisesse ler a Bíblia que a lesse em latim, a língua oficial da “santa madre”. Nessa concessão se resumia a sua licença. Lê-la em vernáculo, nunca.

E vinha lá a explicação. A Bíblia é sagrada por ser e conter a revelação de Deus. E, sendo sagrada, deve ser escrita em língua sagrada, que é o latim. Tê-la em outros idiomas é pecado de desrespeito à Palavra de Deus. Eis o sofisma.

E passando esta conversa no povo, toca perseguir as traduções da Bíblia.

As versões em vernáculo não podiam ser divulgadas porque sempre havia a grande ameaça de que, com a simples leitura do Livro Santo, os fiéis escapassem das doutrinas católicas e debandassem do pasto clerical. Essa que é a verdade!

A catolicíssima revista “*Angelicum*” (Vol. XXIV, pg. 147-148) trouxe o artigo “*La Chiesa e le versione della Scritura in língua volgare*”, em que seu autor, o Pe. G. Duncker, lembra a proibição taxativa e renovada do papa Paulo V: “Não se pode ler, imprimir-se ou possuir-se, sem licença do Santo Ofício, as edições da Bíblia em língua vulgar”.

Este papa simplesmente ratificou a decisão de seu predecessor, Paulo IV, que, aos 24 de março de 1564, pela bula “*Domini Gregis*” (regra 4^a), proibiu o uso das traduções vernáculas das Sagradas Escrituras.

Seguindo as mesmas normas decorrentes do Concílio de Trento, de Paulo IV e de Paulo V, o papa Pio VII, em sua carta “*Magno et Acerbo*”, de 3 de setembro de 1816, atacou violentamente as traduções vernáculas da Bíblia.

Leão XII, na sua encíclica “*Ubi Primum*”, de 5 de maio de 1824, chama de PESTE as Sociedades Bíblicas por divulgarem estas versões indesejáveis e contraproducentes aos embustes clericais.

Vivemos agora noutros tempos! A Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, marcou uma verdadeira baliza na História. Os que nascemos e crescemos antes de 1939, vivemos os dois cenários completamente diferentes.

E, com a grande transformação panorâmica do mundo, o clero precisou ir adotando novas táticas.

Muitos, iludidos, supõem que resolveu ele aproximar-se do cristianismo primitivo e suas fontes. Que decidiu abandonar posições firmadas durante os séculos para se escoimar dos seus erros.

Supõem eles que o clero, arrependido dos seus inomináveis erros, decidiu dar meia-volta e, submisso, aceitar a Bíblia.

Que ingenuidade!

Tenho encontrado esses iludidos em número ilimitado. Sobram em nossas igrejas, em nossas instituições, em nossos seminários... Há-os entre pastores, missionários, pregadores...

Recentemente, um emproado e empoado “doutor em divindade”, do púlpito de “importante” igreja tecia encômios à nova posição clerical por haverem os padres reconhecido na Bíblia a Única Regra de Fé.

Estarrecido, ouvi um professor de Escola Dominical dizendo a mesma coisa a seus alunos.

E o pior é que encontramos verdadeiros pascácios empoleirados em altos postos das Sociedades Bíblicas, as PESTES, conforme Leão XII.

Mas será que a hierarquia católica não poderá ter mudado mesmo? Passado por uma metanoia?

Não estarão, porventura, os padres lendo a Bíblia? Mandando o seu povo lê-la? Já não pregam a Bíblia em seus púlpitos e em seus programas radiofônicos?

O crente tem direito de ser simples. Ingênuo, não! Pascácio, não!

Eu disse: o crente. Em nossas igrejas e instituições pode haver incrédulos encapuzados a serviço do diabo. Há incrédulo por aí em organizações bíblicas chamadas evangélicas que nem crê nas penas eternas...

Não é pascácio o incrédulo a serviço do diabo. Ele tem consciência da sua função. Vai para o meio evangélico a fim de executar um programa adrede preparado. E, nesse intento, utiliza-se, com resultados surpreendentes, dos ingênuos, dos chamados inocentes úteis. Aliás, sabe perfeitamente que será cercado e blindado por muitos deles.

.oOo.

Quem é que disse encontrar-se arrependida a hierarquia clerical católica? Quem é que disse algo sobre o seu propósito de abandonar suas doutrinas antibíblicas? Quem é que disse sobre a sua disposição de renunciar à idolatria e à mariolatria? Terá sido o papa João XXIII? Ou o papa Paulo VI? Foi o Concílio Vaticano II? Em que documento clerical se

encontra esta declaração? Mostrem-me qualquer declaração neste sentido!!!

A idolatria foi confirmada no Concílio Vaticano II: “Observem religiosamente o que em tempos passados foi decretado sobre o culto das imagens de Cristo, da bem-aventurada Virgem e dos Santos” (Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”, de 21 de novembro de 1964, § 67).

A mariolatria foi aprofundada mais ainda com a proclamação, aos 21 de novembro de 1964, do novo dogma mariano que exige dos católicos fé incondicional em Maria, Mãe da Igreja, dogma esse que encerra os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutrix, Medianeira (Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”, § 62).

Senhores, o catolicismo romano não mudou em suas teses. Mudou de tática!!!

A estrutura do velho edifício permanece! Mudaram-lhe a caiação!!!

Este Concílio Ecumênico Vaticano II, dentre seus vários documentos, produziu apenas duas Constituições Dogmáticas, que são as suas duas produções máximas e soberanas: A “*Lumen Gentium*”, de 21 de novembro de 1964, e a “*Dei Verbum*”, de 18 de novembro de 1965.

Pois bem, logo no seu item 1º, a Constituição Dogmática “*Dei Verbum*” destaca, sublinha, enfatiza a sua disposição de seguir “as pegadas dos Concílios Tridentino e Vaticano I”.

A posição clerical diante da Bíblia não muda quanto ao desprezo que lhe atribui. E o papa nunca disse o contrário. Nisto, pelo menos, tem sido sincero.

O Concílio de Trento foi peremptório na sua tese: Cabe à “santa madre igreja” julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras.

No Concílio Ecumênico Vaticano I, através da sua Constituição Dogmática “*De Fide Catholica*”, que dotou a sua hierarquia com o *carisma da verdade* (??!!), firmou-se o catolicismo em sua tese.

E, para desmentir os boatos dos ingênuos, o Concílio Vaticano II proclama a mesmíssima tese: “O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo” (Constituição Dogmática “*Dei Verbum*”, § 10).

E a mesma Constituição Dogmática “*Dei Verbum*”, em seu § 12, insiste: “Pois tudo o que concerne à maneira de interpretar a Escritura está sujeito em última instância ao juízo da Igreja, que exerce o mandato e ministério divino de guardar e interpretar a Palavra de Deus”.

Aos seus próprios exegetas, o catolicismo pós-conciliar exige que se coloquem, em suas investigações, “sob a vigilância do magistério” (*Dei Verbum*, § 22).

Nenhum crente, ao tomar conhecimento dessa posição definitiva da hierarquia católica, terá o direito de continuar ingênuo. **Roma semper eadem!** O clero é sempre o mesmo!

O Concílio Ecumênico de Trento minimizou dogmaticamente a Bíblia, sobrelevando a chamada Tradição como Fonte de Revelação também. E Fonte de Revelação mais atual por considerar antiquada a Bíblia. E Fonte de Revelação mais completa e mais clara por considerar obscura e incompleta a Bíblia.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, em sua Constituição Dogmática *“Dei Verbum”* prega a mesma coisa! Ressalta a Tradição porque “as próprias Sagradas Escrituras são nela cada vez melhor compreendidas” (§ 8).

E, no seu § 9, diz: “Resulta, assim, que não é através da Escritura apenas que a Igreja consegue sua certeza a respeito de tudo que foi revelado”.

Na sessão conciliar de 5 de outubro de 1964, o prelado Neófito Edelby, de Antioquia, sintonizado perfeitamente com a dogmática romana, alto e bom som, declarou: “Sem a Tradição a Escritura é letra morta”.

Praticamente, para a teologia católica pós-conciliar, não se encerrou a Revelação Divina com a morte do último apóstolo. A Tradição continua a Revelação!

Aliás, o próprio dogma da sucessão apostólica dos bispos católicos, conformado na Constituição Dogmática *“Lumen Gentium”*, não teria razão de ser se não houver em favor da hierarquia continuidade da Revelação. Esta, “sob a forma de Tradição, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo” (*Dei Verbum*, § 8).

É de se estranhar que, após cinco anos de encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II ainda haja ingênuos nas áreas evangélicas. Quando se trata de pessoas analfabetas ainda se tolera.

Mas, quando se trata de líderes, de pessoas que participam da direção de igrejas, de pastores, não se encontra outra explicação senão a da ignorância dos documentos católicos.

Numa célebre reunião da Sociedade Bíblica do Brasil, realizada em São Paulo, perguntei ao dirigente que, por sinal, falava em nome dessa instituição, se ele havia lido os documentos do Concílio Vaticano II e, em especial, a Constituição Dogmática *“Dei Verbum”*. Fiquei abismado com a sua resposta negativa...

Há por aí muita gente engravatada, com vocabulário bonito, ao par de todos os acontecimentos internacionais, mas que de doutrinas católicas não entende coisa alguma.

E o pior é que arrota conhecimentos. E discute! E se sai com cada uma... Cada uma de cabo de esquadra!

Deixemo-los. São pascációs a serviço do clero e da idolatria. São inocentes úteis a serviço do diabo.

.oOo.

2

VIOLÊNCIA COM VIRULÊNCIA

Apavora-se o catolicismo pós-conciliar ao ver a ampla divulgação da Bíblia no meio do povo, o que realmente lhe solapará todo o prestígio, caso não interponha um dique.

O bispo de Ferentino, na Itália, Constantino Caminada, na 95^a Congregação Geral do Concílio Ecumênico Vaticano II, em 6 de outubro de 1964, interpretou com rara felicidade esse sentimento de pavor: “A difusão da Sagrada Escritura”, advertiu, “*sine ullo discrimine* [indiscriminadamente] pode transformar-se em real perigo para muitas almas... Aliás, muitas edições ‘populares’ da Bíblia não respondem suficientemente aos numerosos problemas que os leigos irão encontrar. E, assim, frequentemente, a leitura da Bíblia é causa de dúvidas e tragédias espirituais. E a experiência nos ensina que estas dificuldades se tornam ainda maiores nos leitores mais inteligentes”.

O lastimoso Caminada não se escondeu em rebuços. Estava convicto – com carradas de razões! – que a leitura da Bíblia ameaça o catolicismo perder exatamente os seus fiéis mais inteligentes!

As lamúrias do bispo Caminada fazem-me lembrar a história daquele menino crente que, interpelado pelo padre de sua cidade, na manhã em que havia nascido um gatinho em seu quintal, respondeu: “Ele é católico”. Três dias depois, o mesmo padre, passando outra vez, perguntou ao garoto entusiasmado com o bichinho felpudo: “O seu gatinho é católico?”. O

vigário perguntava para que seus companheiros de caminhada ouvissem a resposta anterior. Surpreso ficou, todavia, quando lhe veio incontinenti a resposta: “Agora meu gatinho é crente!” “E por quê?”, pergunta-lhe o redondo vigário. “Anteontem era católico e agora já mudou de religião?”. A explicação do garoto deixou o “seu” padre muito confuso: “É que meu gatinho abriu os olhos!”

É assim mesmo! Quem abre os olhos diante da Bíblia deixa de ser católico. E quanto mais inteligente for o católico, mais risco de perdê-lo corre a sua seita.

Aliás, será bom que os “fiéis” não saibam da conta em que são tidos pelos seus bispos... se os mais inteligentes lhes fogem ao lerem a Bíblia.

Confirmada neste último Concílio a tese de ser o magistério eclesiástico o legítimo intérprete da Bíblia, conforme vimos no capítulo anterior, resolveu o clero usar novas medidas.

Antigamente adotava a violência das chamas contra a Bíblia. Mudados os cenários do mundo, precisa mudar suas táticas. E, ao invés da violência das fogueiras, decidiu, por ser mais eficiente e adequada com a hora presente, adotar a violência da virulência.

O clero tem tido amargas experiências ao proibir acesso a qualquer coisa; por exemplo, ao cinema quando se exibe algum filme condenado por ele. Aí é que o povo católico vai mesmo. Proibir ler a Bíblia não dá mais...

Se primeiro a queimava, agora parece-lhe melhor inocular-lhe o vírus de suas interpretações a pretexto de notas explicativas. Pretende contagiar as Sagradas Escrituras com o vírus das suas heresias.

Se o magistério eclesiástico tem o poder de interpretar a seu talante a Palavra de Deus...

Então, ao invés de queimar, rende-lhe melhor o processo de confundir. De conspurcar o sentido bíblico. Dissonar a mensagem de Deus em Sua Palavra. Corromper os seus reais ensinamentos. Obliterar o entendimento dos seus leitores.

Antigamente, quando podia contar com o braço secular para as suas selvagerias inquisitoriais, agredia, violentava e matava quem possuísse uma Bíblia ou quem resolvesse seguir-lhe as doutrinas, renunciando, como consequência, às feitiçarias da “santa madre”.

Transformados os tempos, decidiu agredir, violentar e adulterar a própria mensagem bíblica.

.oOo.

Um parêntesis para o relato de um fato!

De certa feita encontrei-me com um fanático ecumenista. Um ecumeníaco!

Uma catadupa o seu palavrório. Impossível livrar-me do torrencial dos seus perdigotos. Fora colhido de surpresa, porquanto o tempo ensolarado não me permitira sair de guarda-chuva...

Impossível, outrossim, o diálogo. Sob vasto bigode, sua boca se mantinha em impenetrável monólogo.

Pedia a Deus que me desse uma oportunidade para manifestar ao pascácio quais as reais intenções do movimento ecumênico gerado nas sacristias vaticanas.

O cidadão exaltava a “nova posição” dos padres diante da Bíblia, que aos seus fiéis mandavam adquirir e ler.

“Agora sim! Os padres estão lendo a Bíblia, pregam a Bíblia, ensinam a Bíblia. Há reuniões dirigidas por eles em que os católicos examinam a Bíblia...”

E lá se ia o ecumeníaco entusiasmado despejando o enxurro dos seus dislates, senão quando passamos defronte de um templo católico repleto de crianças assentadas diante de um padre.

Impossibilitado de falar, puxei pelo braço o meu amigo. Entramos... Aí o homem se calou. Sentamo-nos no último banco. Um ao lado do outro!

O padre dava uma aula de catecismo. Leu pausadamente a parábola das bodas registrada em Mateus 22.1-14. Enquanto o clérigo lia, o meu companheiro me cutucava com o cotovelo e cochichava: “Não é o que eu digo? Veja como os padres agora leem a Bíblia. Leem-na em público e para as crianças...”

E, babando-se todo, concluía: “Como os tempos são mudados... Esta criançada toda vai ser crente já...”

Lido o texto, o reverendo começou a fazer perguntas.

Pelas respostas percebia-se a repetição do assunto já exposto e a preocupação da turma.

Após haver levado a garotada a repetir por meio das respostas a parábola lida, continuou o sacerdote: “O rei notou que um homem não trazia a veste nupcial. Ele estava de roupa suja. E o que é que suja a nossa alma?”

E a garotada, em uníssono, respondia: “O pecado!”

“Com pecado alguém pode entrar no céu?”, retorquia o padre.

“Não!”, em coro, respondiam os catequizandos.

“O que a mamãe faz com a roupa suja?”, insistia o embatinado.

“Lava!”

“Com quê?”, retorquiou o padre.

E a garotada no auge da gritaria: “Com sabão!”

E o meu colega muito atento... De minha parte, já sabia onde iria chegar aquela comédia.

O desfecho se avizinhava com a nova pergunta do catequista: “E para lavar a nossa alma da sujeira do pecado o que se deve fazer?”

A lição atingira o ápice com a resposta da meninada: “Contar os pecados pro padre na confissão!”

Nesta altura, o ecumeníaco já não me cutucava mais. Estava mudo!

E o padre prosseguiu nas explicações sobre a necessidade de que o pecador tem de ir se confessar ao padre. “Quem não se confessa vai para o inferno, que é o lugar de trevas e onde há choro e ranger de dentes. É este, meninos, o ensino de Jesus com esta história”.

O meu amigo, ao sairmos, na sua mudez nem achou palavras para se despedir...

.oOo.

Estava ainda na batina quando da era conciliar. Participei de muitas reuniões de estudos preparatórios. Mantive contatos com muitos outros sacerdotes e bispos nesta fase. Enfim, convivi com muita gente importante da hierarquia católica empenhada intensamente no Concílio Ecumênico Vaticano II.

Tenho para mim que Deus me permitiu ficar lá dentro durante esse tempo exatamente para verificar as manobras e os exames das novas táticas a serem adotadas...

Organizei em minha paróquia os chamados círculos de estudos bíblicos. Todos os participantes compraram a Bíblia e uma revista especial para estes encontros, em que vem o programa estabelecido para orientar as reuniões.

Após algumas rezas, entrava-se no estudo do texto indicado pela revista. Lembro-me de uma. Baseada em Marcos 1.40-45. E, pela orientação da revista, os estudantes da Bíblia chegavam a esta conclusão: A lepra é o símbolo do pecado.

Assim como Jesus mandou o leproso procurar o sacerdote para ficar curado, também manda o pecador, o leproso espiritual, procurar o padre na confissão a fim de ficar limpo desta lepra da alma.

O bispo Constantino Caminada tem sobradas razões para temer que os mais inteligentes leitores da Bíblia escapem do jugo pontifício. Por isso,

a fim de se safar de dificuldades maiores, a hierarquia clerical julga necessário agrilhoá-los às suas interpretações.

A Constituição Dogmática “*Dei Verbum*” foi sancionada no dia 18 de novembro de 1965. Logo no dia 5 de dezembro do mesmo ano, sincronizado com as decisões conciliares, o semanário “O SÃO PAULO”, órgão oficial da arquidiocese paulistana, sob o epígrafe “BÍBLIA? INTEGRAL – EXATA – COMPLETA”, encarecia aos sectários romanistas: “Quando nossos irmãos protestantes surgiram no mundo, depois do século XVI da era cristã, resolveram, contrariando a mais antiga tradição cristã, retirar da Santa Bíblia não apenas alguns capítulos ou versículos, mas até livros sagrados inteiros!”.

Isto é um escárnio à verdade histórica! Desde sempre houve crentes, apesar das fogueiras da Santa Inquisição. Eles não surgiram com a Reforma de Martinho Lutero... E aceitavam a Bíblia es- coimada dos livros apócrifos.

É ótimo, todavia, que o jornal da arquidiocese de São Paulo repita esta informação atentatória à verdade histórica para que se saiba o seguinte: Nem nessas coisas o catolicismo muda... Ele persiste em ser fiel nos seus ensinos errados relativos também à História porque isso lhe interessa sumamente.

Deseja o clero, com seus embustes, manter cegos os seus fiéis e que lhe importam os meios? A mentira e a cavilação são os dois gumes de sua espada ecumenista...

Após enumerar as partes que “os irmãos protestantes” retiraram da Bíblia (???), a nota embolorada no fundo dos gavetões da cúria adverte: “Lembrem-se os leitores: Somente as Bíblias que possuem aprovação de um bispo, em uma de suas primeiras páginas, são INTEGRAIS, EXATAS E COMPLETAS... Não aceitem, pois, qualquer Bíblia, especialmente as que são vendidas ou doadas por “evangélicos”, porque são incompletas, inexatas e sem explicações ao pé das páginas...”

Essa nota do jornal católico foi divulgada depois do Concílio Ecumênico Vaticano II... Porque o catolicismo de hoje é o mesmo do medieval. E será sempre o mesmo... **Roma semper eadem!!!**

Incontestavelmente, a maioria esmagadora dos católicos não lê essas recomendações nos periódicos de sua seita e nem as ouve nas missas dominicais (agora também sabatinas!).

Por isso a hierarquia se vale de outro recurso: esparrama a Bíblia católica, deteriorada com seus ensinos e prejudicada com subtítulos e notas de rodapé, quando não com vocábulos tendenciosos dentro do próprio texto.

A Constituição Dogmática “Dei Verbum” é incisiva: “Cabe aos sagrados pastores [os bispos], depositários da doutrina apostólica, educar oportunamente os fiéis que lhes foram confiados para o correto uso dos livros divinos, sobretudo do Novo Testamento e dos Evangelhos, por meio de versões dos textos sagrados acompanhadas das explicações necessárias e realmente suficientes...” (§ 25). E estimula: “Façam-se edições da Sagrada Escritura, munidas de apropriadas anotações, para uso também dos não-cristãos e adaptadas à situação deles; e tanto os pastores de almas [os bispos] como os cristãos de qualquer condição intelligentemente tratem de difundi-las de todos os modos” (§ 25).

.oOo.

Preocupem-se os bispos em entregar ao uso dos seus fiéis a Bíblia, “*por meio de versões dos textos sagrados acompanhadas das explicações necessárias e realmente suficientes*”.

E estimula a mesma “*Dei Verbum*”: “*Façam-se edições da Sagrada Escritura, munidas de apropriadas anotações, para uso também dos não-cristãos e adaptadas à situação deles; e tanto os pastores de almas [os bispos] como os cristãos de qualquer condição intelligentemente tratem de difundi-las de todos os modos*”.

Repeti a citação disso que estabelece o Concílio Vaticano II, sublinhando a propósito com o fim de chamar a sua atenção. Bom será que o leitor pare aqui um instante a sua leitura para refletir nessa recomendação.

E, por ser extremamente importante, destaco outra vez a enfática recomendação do Concílio Vaticano II:

“... INTELIGENTEMENTE TRATEM DE DIFUNDI-LAS DE TODOS OS MODOS!!!”

O clero católico tem o máximo interesse na divulgação por todos os modos dessas Bíblias, munidas de anotações apropriadas.

De todos os modos!!! Até através dos próprios “irmãos protestantes”, os “irmãos separados”, aqueles que o jornal da arquidiocese de São Paulo chama entre aspas de “evangélicos”... Até por meio das livrarias evangélicas! Até se utilizando das Sociedades Bíblicas!

Sim, senhores! Das Sociedades Bíblicas que ainda há bem pouco eram taxadas de “peste”!

Interessa sobremaneira à hierarquia que os evangélicos, quais inocentes úteis, suponham facilidade de levar à conversão os católicos servindo-se da chamada “Bíblia católica”. É a astúcia mais diabólica empregada pelo romanismo.

Entregar-se a um católico uma dessas Bíblias é dizer simplesmente a ele: Fique onde você está!

Ao tempo de padre, quando comecei a examinar a Bíblia, usava um exemplar da tradução de Matos Soares.

Senti que as notas explicativas não me permitiam liberdade para um exame genuíno. Encontrei entre meus livros um exemplar da Bíblia “protestante” que havia escapado de ser queimado em certa ocasião de “santas missões”.

Passei a usá-lo com grandes bênçãos para mim porque fiquei totalmente livre para examinar a Palavra de Deus sem os grilhões das notas de rodapé e sem os títulos tendenciosos.

Lamento profundamente que muitos crentes sinceros, no seu anseio de ganhar almas para Cristo, estejam prestando um desserviço à Causa, entregando os exemplares da Bíblia corrompidos e deturpados com as tendenciosas notas clericais.

Enquanto prestam esse desserviço à Causa de Deus, prestam um enorme serviço à causa da idolatria romanista, atendendo à própria recomendação do Vaticano II.

Impossível para mim compreender como as livrarias evangélicas ainda não se aperceberam disso.

Fazendo uma palestra sobre o movimento ecumênico, dei ênfase à tática clerical aqui examinada. Ressaltei minha estranheza pelo fato de livrarias evangélicas estarem fazendo o jogo dos clérigos pós-conciliares.

Ao permitir perguntas por parte do auditório, uma senhora se manifestou, informando-me ser responsável por uma livraria na cidade onde tinha à venda exemplares dessa “Bíblia católica” e que não via nada demais.

Perguntei-lhe se procurava diante de Deus ser coerente.

Respondeu-me afirmativamente.

Tornei a perguntar-lhe: “A senhora tem lá para vender a Bíblia dos Testemunhas de Jeová?”

Assustada, a bondosa senhora informou-me que não.

“Então a senhora é muito incoerente”, disse-lhe. “Se tem lá a Bíblia chamada católica por que não ter essa outra?”

E, para se falar francamente, a Bíblia dos jeovitas é muito menos perniciosa do que a “católica”.

No dia seguinte, ao passar pela livraria daquela senhora, não encontrei mais nenhum exemplar da Bíblia eivada de notas explicativas. Serviu-lhe a lição.

.oOo.

Os fâmulos da hierarquia inteligentemente se puseram a campo e o enxurro de “Bíblias Católicas” invade todas as áreas de todos os modos. Até Bíblia em fascículos semanais...

Através de alguns elementos, vamos demonstrar como, nestes últimos tempos, o catolicismo em suas versões da Bíblia vem deturpando, mutilando e falseando, em sua exegese tendenciosa, os textos bíblicos para assegurar a sua dogmática antibíblica.

Nos tempos medievais, ele torturava as pessoas que possuíam a Bíblia. Hoje ele tortura a própria Bíblia!

Fixemos!

NOS TEMPOS MEDIEVAIS, ELE, O CATOLICISMO, TORTURAVA AS PESSOAS QUE POSSUÍAM A BÍBLIA. HOJE ELE TORTURA A PRÓPRIA BÍBLIA!

Os tempos são mudados. E muito para pior!!!

.oOo.

3

UMA RECOMENDAÇÃO IMPORTANTE

O Concílio Ecumênico de Trento, em sua IV Sessão, aos 8 de abril de 1546, determinou que somente à “santa madre igreja” compete julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras.

Seguindo a mesma linha tridentina, o Concílio Ecumênico Vaticano I – porque o clero não muda e nem pode mudar! – em sua Constituição Dogmática “*De Fide Catholica*”, de 24 de abril de 1870, reveste com o *carisma da verdade* a hierarquia clerical porque somente ela tem

autoridade legítima para fornecer o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras.

Nunca o papa João XXIII, nunca o Concílio Ecumênico Vaticano II, nunca o papa Paulo VI disseram que iriam ceder em matéria de doutrina. Jamais se ouviu uma autoridade clerical afirmar que o catolicismo iria cancelar algum dos seus dogmas. O contrário sim, é que tem sido insistentemente enfatizado.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, recentemente encerrado, na disposição de seguir “as pegadas dos Concílios Tridentino e Vaticano I” (Constituição Dogmática *“Dei Verbum”*, § 1), proclama aquela mesmíssima tese relativa à interpretação das Sagradas Escrituras: “O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida [a Bíblia e a Tradição] foi confiado unicamente ao magistério vivo da Igreja cuja autoridade exerce em nome de Jesus Cristo” (*“Dei Verbum”*, § 10). “Pois tudo o que concerne à maneira de interpretar a Escritura está sujeito em última instância ao juízo da Igreja, que exerce o mandato e o ministério divino de guardar e interpretar a Palavra de Deus” (*“Dei Verbum”*, § 22).

Por “Igreja”, no caso, se entende a hierarquia clerical.

Em assim sendo, determina o Concílio Ecumênico Vaticano II: “Cabe aos sagrados pastores [os bispos], depositários da doutrina apostólica, educar oportunamente os fiéis que lhes foram confiados para o correto uso dos livros divinos, sobretudo do Novo Testamento e dos Evangelhos, por meio de versões dos textos sagrados acompanhadas de explicações necessárias e realmente suficientes...” (*“Dei Verbum”*, § 25). “Façam-se edições da Sagrada Escritura, munidas de apropriadas anotações, para uso também dos não-cristãos e adaptadas à situação deles; e tanto os pastores de almas [os bispos] como os cristãos de qualquer condição intelligentemente tratem de difundi-las de todos os modos” (*“Dei Verbum”*, § 25).

.oOo.

4

A VERSÃO DE MATOS SOARES

Como simples professor de português no Seminário católico do Porto, em Portugal, jamais o padre Matos Soares concretizaria o seu dourado sonho de ser rico. Impossível era-lhe ver um objeto de metal rebrilhando de amarelo sem a obcecação da riqueza exacerbar-se na alma.

Muitos planos fizera, porém inúteis e im- praticáveis. Serviam apenas para magoar-lhe o coração.

Aconteceu-lhe certo dia um “estalo”. Se bem pensou, melhor agiu. A cada um dos seus alunos de português confiou uma porção da Bíblia traduzida pelo padre Antônio Pereira Figueiredo. Deveriam retocá-la. Dar-lhe sabor diferente com expressões e vocábulos sinônimos. Sugeriu-lhes confrontassem a versão de Figueiredo com versões espanholas e francesas.

O atual bispo do Porto, Joaquim Ferreira Gomes, como aluno, participou dessa patuscada.

Depois juntou tudo, deu uma lida, fazendo ainda alguns reparos, e publicou a célebre versão de Matos Soares. E o mais pilhérico é que o clérigo-professor de português no Seminário católico do Porto jamais se deu à tarefa – e nem para isso tinha competência – de ler sequer a Vulgata...

Mas não lhe foi difícil obter do Vaticano uma carta de encômios e de apresentação para a sua “tradução”.

Ineficaz o trabalho todo se os exemplares da sua Bíblia ficassem nas prateleiras dos seus depósitos. O “imprimatur” e os elogios seriam incapazes de imunizá-los do bolor. Queria-os nas mãos dos fiéis e o dinheiro nos seus fundos bolsos.

E como despertar o interesse dos beatos movendo-os a adquirir a sua Bíblia? Servira-se dos seus alunos e fora contemplado com o beneplácito vaticano, restava-lhe agora promover a venda da mercadoria. E para isso iria precisar da ajuda dos bispos. Nada lhe custara a ajuda dos alunos, mas como colocar suas excelências a seu serviço?

Sem muitos tratos à bola, engendrou um plano e o executou com efeitos positivos além dos imaginados.

Montou uma empresa de peregrinações marítimas a Roma, Palestina e Lourdes, naqueles idos de 1930, quando inexistia a aviação comercial. Estabeleceu uma piedosa empresa de turismo religioso!

Espertalhão, oferecia aos bispos turistas passagem gratuita. Suas presenças episcopais representavam “bênçãos” para os peregrinos em número sempre crescente.

E, sobretudo, suas excelências, quais excelentes e entusiastas propagandistas, se encarregavam de impor aos seus padres o “apostolado”

de vender a tradução bíblica produzida pelos alunos de Matos Soares. Se há no Mato só ares, como, em zombaria, lhe afirmavam os colegas, por considerá-lo um irresponsável, um doidivanas, com a cabeça cheia de vento, Matos Soares, que não quisera ficar só com ares, concretizara os seus sonhos, tornando-se um dos padres mais ricos de Portugal.

Comerciante sagaz, canalizava os rendimentos dessas duas empresas para a implantação de outra indústria.

E a sua fabulosa quinta na região d’Ouro produziu os melhores vinhos do Porto, que muito brasileiro capitalista bebeu.

Eis a origem, dessa versão que continua a ser lida, examinada e citada. Ainda nestes tempos pós-conciliares é útil ao clero disposto a atender o Vaticano II, que exige versões consentâneas com as suas feitiçarias.

Grandemente divulgada aqui no Brasil por “Edições Paulinas”, já atinge dezenove edições de grandes tiragens. Chancelada pelo “imprimatur” do ordinário do Porto, pelo “reimprimatur” do ordinário paulistano, é “santificada” por uma carta do ecumenistíssimo João XXIII, na qual, inclusive, se refere à finalidade precípua dessa versão que é a “de fazer frente aos múltiplices ataques da heresia e do erro”, e, por isso, manifesta o desejo pontifício de fazê-la divulgada de todas as maneiras.

As freiras responsáveis pelas “Edições Paulinas”, a partir de 1955, cada ano visitam os lares de todas as cidades dos Estados mais populosos de nossa Federação e oferecem a “Bíblia”. Quando fui vigário, sempre facilitei ao máximo esse “apostolado” em minhas paróquias. Em consequência, são raras as casas de católicos praticantes em que não se encontra o seu exemplar.

.oOo.

É preciso exaltar a IGREJA, assim pensa o clero. E ninguém mais do que ele é capaz de deteriorar o legítimo significado das palavras, quando isto lhe convém.

O sentido do vocábulo: liberdade nos lábios de um comunista é bem outro daquele conhecido pelos democratas.

Examinando-se o Novo Testamento, facilmente se depreende que IGREJA é a congregação dos salvos. Ora, o catolicismo não pode ser considerado IGREJA porque os seus fiéis não são salvos. Além disso, para o clero, IGREJA significa a hierarquia clerical: o papa cercado dos bispos. E o próprio povo católico não se tem na conta de participante da IGREJA.

O católico deve ser hierarquiólatra porque precisa prestar verdadeiro culto à hierarquia eclesiástica. Aliás, o Concílio Ecumênico Vaticano II elevou ao máximo a hierarquiolatria católica ao instituir dogmaticamente pela sua Constituição Dogmática *“Lumen Gentium”*, aos 21 de novembro de 1964, a colegialidade episcopal. Mais do que nunca, o católico pós-conciliar deve ser hierarquiólatra. Ou eclesiólatra.

O Concílio Ecumênico Vaticano II dogmaticamente estabeleceu a eclesiolatria. E foi muito feliz porque inclusive a imprensa laica se refere ao catolicismo como a IGREJA. E mais feliz ainda porque até os protestantes assim se referem a ele.

Desgraçadamente, muitos evangélicos não se pejam de entrar na mesma onda.

O Matos Soares que, para enriquecer com o mercado da “sua” tradução, tanto se utilizara da hierarquia de sua “santa madre”, não poderia esquivar-se de, fiel aos Concílios de Trento e Vaticano I, e antecipadamente fiel ao Concílio Vaticano II, colocar o seu trabalho a serviço da eclesiolatria, ao recomendar na introdução apostar nas primeiras páginas: “Considerando-se... que os Livros Sagrados foram escritos sob a inspiração de Deus e que foram confiados à Igreja Católica Romana a fim de que fossem por ela conservados e, quando necessário, autenticamente explicados – é preciso interpretar a Sagrada Escritura conforme o sentido dado pela Igreja”.

Sem exceção, todas as traduções católicas da Bíblia insistem, quer na introdução, quer nas notas explicativas, quer nos subtítulos, quer nos índices doutrinários, em promover a hierarquia clerical. Aproveitam todas as oportunidades que forciam aparecer.

É verdade ser uma afirmação gratuita o dizer-se que os Livros Sagrados foram confiados ao catolicismo romano. Mas o católico aceita esta promoção da sua hierarquia eclesiástica. E os mais fervorosos, conforme prognosticam os clérigos, defendem ardorosamente esse privilégio de sua igreja porque isso é bíblico. Está na Bíblia!

Se na Introdução, a versão de Matos Soares promove a eclesiolatria, aproveita-se inescrupulosamente de certas passagens bíblicas para, torcendo o seu significado real, satisfazer os seus iníquos propósitos clericais.

Em comentário de rodapé relativo a 2^a Pedro 1.20-21, criminosamente “explica”: “Atendendo antes de tudo... São Pedro recomenda a meditação da Sagrada Escritura, mas acrescenta logo que ninguém deve ter a pretensão de a interpretar por autoridade própria. Tendo a Deus por autor, só Deus pode explicar o seu verdadeiro sentido. Cristo explicou

diretamente alguns pontos da Sagrada Escritura e deu à Sua Igreja o poder de explicar autenticamente o resto. As palavras de São Pedro condenam dum modo claro o erro dos protestantes, os quais afirmam que qualquer pessoa, mesmo ignorante, tem o direito de interpretar a seu capricho a Palavra de Deus”.

Esse comentário é um amontoado de sandices. Com a expressão “interpretação particular”, Pedro quis referir-se à regra sábia da hermenêutica: NA INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS DEVE-SE ATENDER AO CONTEÚDO E À UNIDADE DE TODA A ESCRITURA. Ninguém pode concluir por uma doutrina, tomando um texto isolado do seu conteúdo. “Particular” aqui significa “isolado, separado”. Não está aí em contraposição de “oficial”.

Na renitência de exaltar a sua hierarquia, o clérigo fabricante de vinho do Porto interpreta: “*Dize-o à igreja*” de Mateus 18.17, alegando alusão aos superiores eclesiásticos, identifica IGREJA com a hierarquia. O que é sumamente antibíblico. Mas o católico aceita e pratica a hierarquiolatria convencido de que está seguindo a Bíblia.

Comentando Mateus 18.18, insiste o clérigo Soares: “Eu te darei as chaves, o poder e a autoridade suprema”. É que se sente ele na incumbência intransferível de sublimar a hierarquia católica e se utiliza de todos os embustes para supliciar o genuíno significado das passagens sacras.

Nesse intento, elucida Atos 11.30: “Anciãos ou presbíteros eram aqueles que, por uma ordenação especial, recebiam dos apóstolos o governo de várias igrejas com a obrigação de pregar, administrar sacramentos, etc.”.

Nada mais ilegítimo! Biblicamente, o que é sacramento?

Jesus não estabeleceu nenhuma hierarquia e nem sacerdócio sacramental e institucional, conforme se poderá verificar em estudo feito em nosso livro CRISTO, SIM; PADRE, NÃO. Incide Matos Soares no mesmo desplante da Edição da “Ave Maria” quando apresenta Tiago 5.13, onde, de acordo com o original grego, deveria assinalar “presbíteros”, insere “sacerdotes”.

A hierarquia se mantém sob tantos juramentos. O padre jura. O bispo jura. O papa jura. Numa posse canônica qualquer, jura-se. Jura-se ao término de退iros espirituais. Juram os simples fiéis em muitas oportunidades...

Quando Matos Soares topou com Tiago 5.12: “Sobretudo, irmãos meus, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem (façais) outro qualquer juramento. Mas seja a vossa palavra: sim, sim, não, não; para

que não caiais em condenação” – ralou-se e decidiu obliterar o sentido absoluto da proibição de juramento e, entre parêntesis, interpolou: “Sobretudo, irmãos meus, não jureis (*sem motivo grave*)...”. O texto é claro! Não deixa margem alguma para o juramento mesmo por *motivo grave*...

Hierarquiolatria é sinônimo de eclesiolatria. E a eclesiolatria se fundamenta na papolatria, pois aquela depende absoluta e totalmente do pontífice romano, segundo a teologia católica. “*Ubi Petrus, ibi ecclesia*” proclama a tese teológica do clero. “Onde está Pedro,” isto é, o papa, por se considerar o seu sucessor, “aí está a igreja”.

Evidentemente que, para se endeusar a igreja, é preciso endeusar a hierarquia clerical. E esta só pode ser endeusada, endeusando-se a sua base, o seu fundamento, que é o papa. Por isso, e com toda a lógica jesuítica, Matos Soares não perde ocasião de levar seus possíveis leitores à conclusão de que Jesus Cristo estabeleceu em Pedro o fundamento inamovível de Sua IGREJA.

Nesse afã, encima a perícope de Mateus 16.13-20 com o subtítulo: “Confissão e Primado de Pedro” e na de João 21.15-17: “Pedro recebe o Primado”.

Nada mais tendencioso a violentar o texto! A dogmática embusteira pretende ver na primeira perícope a promessa do suposto primado e na de João o cumprimento da mesma por Jesus. O católico, porém, aceita. E é o que o clero quer!

Em nota explicativa embaixo da página, sobre Mateus 16.19: “*Eu te darei as chaves*”, esclarece: “O poder e a autoridade suprema”, almejando que o católico se convença mesmo que o papa, como sucessor de Pedro, goza de autoridade e poder supremo.

Se toda a teologia católica se estrutura sobre a autoridade papal, torna-se imprescindível aos corifeus defendê-la com unhas e dentes. O episcopado luso inicialmente tomara interesse pessoal pela tradução de Matos Soares por proporcionar-lhe luxuosos passeios turísticos ao estrangeiro, mas, depois, acolitado pelos bispos brasileiros, empenhou-se na sua divulgação tendo em vista o valor das notas explicativas no sentido de levar os seus leitores à convicção de que realmente a autoridade do papa é bíblica. Aliás, em todas as edições da Bíblia chamada “católica” há esta preocupação.

Veja-se, por exemplo, com que desplante o clérigo Matos Soares despeja em poucas linhas um amontoado de sandices a título de introdução à Carta aos Romanos: “No dia de Pentecostes, em Jerusalém (Atos 2.10-11), judeus provenientes de Roma e prosélitos romanos, ao ouvirem o discurso de Pedro, aceitaram o batismo e, ao regressarem à

capital do Império, constituíram o primeiro núcleo de fiéis de Roma e foram seus primeiros filhos espirituais, mas também porque – como testemunham os santos padres – foi ele quem organizou esta Igreja e estabeleceu aí a sua Sé. São Pedro chegou a Roma em 42, e aí permaneceu alguns anos. Por inspiração divina transferiu a sua Sé de Antioquia para Roma. Expulso com os judeus, em 49, pelo imperador Cláudio, conseguiu voltar logo depois, e aí permaneceu até o seu martírio, em 67”.

Nada mais atentatório à verdade dos fatos. Quando o catolicismo poderá provar a estada de Pedro em Roma? E que ele é o fundador da Igreja na capital do Império? Não se preocupa o clero da verdade histórica. O que ele quer é que os seus fiéis assim aceitem, porque, em decorrência da fantasmagórica estadia de Pedro em Roma, é que legitimam a sucessão petrina em favor do pontífice.

.oOo.

Para justificar a sua hierarquia sacerdotal, o catolicismo descobriu sete sacramentos: batismo, confirmação ou crisma, confissão ou penitência, eucaristia, unção dos enfermos ou extrema-unção, ordem e matrimônio. Assim quer o Concílio de Trento e quem os rejeitar deve ser excomungado.

Matos Soares traz notas explicativas suficientes para coonestar bíblicamente a posição tridentina.

O batismo é o primeiro sacramento e precisa merecer todos os esforços para que os católicos praticantes se convençam ser ele de instituição divina e, em consequência, encontrar-se na Bíblia. Convencido o clérigo fabricante de vinho de que o fim justifica os meios, pouco se lhe dá corromper o texto da Palavra de Deus encaixando-lhe vocábulos a puxar a versão a fim de ser consentânea com as pretensões sacramento-batismais da teologia feiticeira. Assim, para João 3.5, dá a seguinte tradução: “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade te digo que quem não renascer por meio (*do batismo*) da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus”.

Encaixar aquele: “*do batismo*” é demais! O pior, todavia, está no rodapé: “Este renascimento deve realizar-se por dois modos: um externo e material, que é a água; outro interno e espiritual, que é o Espírito Santo. Jesus mostra deste modo a necessidade do batismo”.

E qual o católico que deixa de *batizar* o seu nenê? O batismo o faz cristão e filho de Deus! Ora essa!!!

Ah! Que ninguém fale ser infundado o batismo infantil! A versão Matos Soares, em suas *Citações por Ordem Alfabética dos Textos da Bíblia Sagrada que constituem o dogma católico contra os erros protestantes*, lá no fim do volume, traz a solução com Lucas 18.16: “Jesus, porém, chamando-os para junto de Si, ordenou: Deixai vir a Mim os pequeninos e não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus”.

Noutro dia, um nobre deputado saiu-se com essa quando conversávamos sobre o assunto. É de se boquiabrir diante dessa teologia...

Quando, em 1961, fui despertado para examinar a Bíblia, veio-me às mãos um exemplar dessa versão. Confesso que essas observações “matos-soareanas” criavam-me enormes embaraços a tal ponto que, se houvesse continuado, longe permaneceria de compreender a mensagem divina. Duas semanas depois, orientado evidentemente pelo Espírito de Deus, fui encontrar entre os meus livros um exemplar da Bíblia “protestante”, espungida pelas “orientações” (?), que sobrara da última queima desses livros por ocasião de umas “santas missões”.

Ainda sobre o sacramento do batismo, dentre outros, vamos encontrar o seguinte exemplo de valentia no torcer a Palavra de Deus, quando Matos Soares comenta João 19.34: “No sangue e água, que saiu do lado de Jesus, veem os santos padres uma figura dos sacramentos do batismo e da eucaristia, e uma figura da Igreja, saída do lado de Jesus, como Eva foi tirada do lado de Adão, e cujos filhos nascem para a vida sobrenatural por meio do batismo e aumentam a união com Jesus por meio da eucaristia”.

A teologia e a liturgia católicas consideram a eucaristia (a missa e a hóstia) como o centro do seu culto, sendo, sob este aspecto, o sacramento mais importante.

Torna-se, por isso, sumamente necessário dar aos seus fiéis a convicção de que a eucaristia tem também fundamentação bíblica. Então, Matos Soares, bem sintonizado com essa pretensão, antecedendo o trecho de Mateus 26.26-29 e as passagens afins (Marcos 14.22-26 e Lucas 22.14-20), onde se encontra o relato da Ceia do Senhor, anota em cabeçalho: “Instituição da Eucaristia”. E, a respeito de João 14.18, elucida: “Voltarei a vós depois da Minha ressurreição, e ficarei sempre, embora dum modo invisível na eucaristia e na minha igreja”.

O católico que conhece a Bíblia (?) defende com unhas e dentes o sacramento da confissão, baseando-se em João 20.23: “Aquele a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos”. Portanto, os padres, como continuadores

da missão dos apóstolos, têm o poder de perdoar pecados. O confessionário é bíblico!

Matos Soares procura formar esta convicção em seus possíveis leitores com a seguinte explicação de João 20.23: “*Aqueles a quem perdoardes os pecados...* Estas palavras de Jesus referem-se ao poder de perdoar ou reter os pecados no sacramento da penitência, poder que Ele deu aos apóstolos e aos seus sucessores, os quais, deste modo, foram constituídos juízes das almas. Como juízes, precisam conhecer o estado das almas para julgarem, por isso é necessário que o pecador manifeste os seus pecados por meio da confissão”.

O pobre católico escravizado desta maneira jamais poderá relacionar esse versículo com o seu afim, que é Lucas 24.47, donde se conclui tratar-se simplesmente de uma missão declarativa. Aliás, Atos dos Apóstolos, a História do Cristianismo Primitivo, nos revelam que assim compreenderam os apóstolos e os discípulos, porquanto saíram a proclamar que só em Jesus os arrependidos encontrariam o perdão dos seus pecados. Jamais se encontra qualquer um deles a exigir que algum fiel se lhe ajoelhe aos pés e lhe confesse suas faltas para perdoá-las. O último sacramento que o eclesiólatra deve receber é a unção dos enfermos. É o passaporte para a eternidade. Mas qual eternidade? A do Céu? Ou a do Inferno?

A teologia romanista vai buscar a sua base bíblica em Tiago 5.13-15, que Matos Soares, encimando com o subtítulo: “Extrema-Unção”, assim traduz: “Está triste algum de vós? Faça oração. Está alegre? Cante Salmos. Está entre vós algum enfermo? Chame os sacerdotes da Igreja, e (estes) façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o aliviará; e, se estiver com pecados, ser-lhe-ão perdoados”.

Segundo o original grego, a versão “sacerdote” é espúria e a perícope não apresenta base alguma para esse pretendido sacramento. A muitos agonizantes apliquei a chamada extrema-unção, que deveria perdoar os pecados do ungido, mas, por via das dúvidas, exigia que os seus familiares, após a sua morte, lhe encomendassem missas. Se os padres estivessem seguros desse sacramento, por virtude própria (ex opere operato, como dizem) produzisse perdão, não exigiriam missas em sufrágio dos “extrema-ungidos”.

O catolicismo considera as boas obras necessárias para a salvação. Dentre as várias passagens comentadas por Matos Soares sobre essa tese antibíblica, destacamos duas.

Traduz Mateus 24.13 assim: “Mas o que perseverar (*no bem*) até o fim (*da sua vida*), esse será salvo”.

É-lhe insuficiente o acréscimo de notas explicativas em rodapé. Corrompe o próprio texto com uma tradução dessas. Pouco ou nada se lhe dá o crime da interpolação. O que vale é servir a “santa madre” em seu dogma referente às boas obras.

Para Marcos 16.16, traz esta explicação: “*O que crer...* A fé a que Jesus se refere é aquela que nos leva a crer em tudo o que Ele nos ensinou.

E uma das coisas que Jesus nos ensinou com mais insistência foi a necessidade de observar os mandamentos, de praticar boas obras para alcançar a salvação”.

Bastaria um comentário desses para inutilizar toda a sua tradução. Somente esta “explicação” invalidaria todo o Evangelho.

.oOo.

E as notas relativas à mariologia?

O clero ensina que o matrimônio é um dos seus sacramentos. Na sua doutrina, sacramento é um sinal sensível instituído por Jesus Cristo para comunicar a graça divina.

Evidentemente, se bem que contrarie as Escrituras, para a sua seita nada é mais importante. Mas exalta o celibato acima do matrimônio. Celibato não é sacramento! Que lógica de pascácio!

Para aureolar o celibato de resplendores inauditos, contrariando a Bíblia, apregoa a virgindade perpétua de Maria.

Seria, por acaso, indigno para Maria o fato de ter tido outros filhos? Não!!! Nenhuma senhora se rebaixa pela numerosa prole.

Afinal, é outra impostura clerical. Por isso, toda vez que surgem referências sobre os irmãos de Jesus, Matos Soares se apressa e “explica” serem eles simplesmente primos ou parentes próximos do Senhor.

Sobre a passagem de Lucas 1.34, disparata: “*Não conheço varão*: por estas palavras vê-se que Maria santíssima tinha feito voto de virgindade perpétua, o qual estava resolvida a observar, não obstante o matrimônio”.

Neste diapasão, comenta Mateus 12.46: “*E seus irmãos*: Entre os hebreus era costume dar o nome de irmãos a todos os parentes, mesmo afastados. Jesus não tinha irmãos propriamente ditos, porque Maria foi sempre virgem”.

E em João 19.26, diz: “*Eis aí o teu filho*: Por estas palavras Jesus deu-nos Maria por Mãe, pois João junto à cruz representava toda a humanidade”. É bem de se notar que esta exegese foi utilizada recentemente pelo Concílio Ecumênico Vaticano II na promulgação do novíssimo dogma da mariolatria: Maria, Mãe da Igreja! Aliás, esse Concílio teve a incumbência de aprofundar a mariologia.

O clérigo em que há só ares, explica Lucas 1.28: “*Cheia de graça*: Estas palavras mostram que Maria tinha sido elevada a um altíssimo grau de santidade, santidade que, como afirmam os santos padres, é superior à de todas as criaturas. E a Igreja, confirmado esta verdade, definiu que Maria, *cheia de graça*, não foi manchada pelo pecado original”.

Se Maria, por ser *cheia de graça*, conforme a Bíblia, como quer a teologia católica e assim explica o subserviente fabricante de vinho do Porto, foi isenta do pecado original, de cujo privilégio decorrem todos os “gloriosos” títulos da virgem, o mesmo deveria acontecer a Estêvão, exaltado pela própria Bíblia de “*cheio de graça*” (Atos 6.8).

Se, por ser cheia de graça, Maria foi imune do pecado de origem, Estêvão devê-lo-ia ter sido também.

A carta do Vaticano que enaltece a versão de Matos Soares coloca-a no fronte de batalha contra os “múltiplos ataques da heresia”. E, para fazer jus ao seu destino de ser martelo das heresias, afora os subtítulos, interpolações e notas explicativas, emprega outra arma não menos escusa.

É um índice doutrinal denominado: “*Citações por Ordem Alfabética dos Textos da Bíblia que constituem o Dogma Católico contra os Erros Protestantes*”.

“Contra os erros protestantes!” É a “heresia” que o papa teme! Por isso o pantufo João XXIII salienta a finalidade precípua dessa versão, que é a de fazer frente aos múltiplos ataques da heresia e do erro.

Para se constatar a audácia desse Índice, destacarei apenas um exemplo. O culto das imagens merece do catolicismo todos os cuidados. Ele sabe a vulnerabilidade desta doutrina. Com fumaça nos olhos dos seus fiéis, alega razões bíblicas em seu abono. Relativamente às imagens de Jesus Cristo e dos santos, menciona Hebreus 11.21; Salmo 98 e Filipenses 2.10, exceto outros.

No desejo de denunciar o crime de perjúrio, transcreverei as passagens seguintes: Hebreus 11.21: “Pela fé, Jacó, estando para morrer, abençoou cada um dos filhos de José, e prostrou-se ante a extremidade do cetro dele”; Filipenses 2.10: “Para que, ao nome de Jesus, se sobre todo o joelho no céu, na terra e no inferno”.

O Salmo 98 leva o número 99 da Bíblia divulgada pela Imprensa Bíblica Brasileira e qualquer um pode examinar.

Desses textos, poder-se-á concluir pela legitimidade do culto das imagens de Cristo e dos santos? Nem por sombra...

Extraímos dessa versão da Bíblia apenas alguns exemplos das muitíssimas “explicações” que Matos Soares apresenta com o objetivo de subjugar à dogmática da “santa madre” os seus fiéis, dando-lhes a impressão de que firmam suas convicções na Bíblia.

.oOo.

5

A VERSÃO DA EDITORAS “AVE MARIA” LTDA.

Com a mesma audácia de Matos Soares, os padres claretianos decidiram lançar a sua versão da Bíblia, seguindo as pegadas dos Concílios de Trento, Vaticano I e, antecipadamente, do Vaticano II.

No mesmo afã de tiranizar os fiéis devotos às suas orientações bíblicas (?), explica 2^a Pedro 3.16: “*Há passagens dificeis*: São Pedro chama a atenção para o perigo de deturpação e para o erro grave de pessoas particulares quererem, a seu modo e sem autorização oficial, interpretar certas passagens dificeis. Aliás, na Bíblia toda existem passagens dificeis. Para explicá-las devidamente, Deus, autor da Bíblia, mandou Seu Filho. Jesus, depois de ensinar, instituiu a Sua Igreja para continuar o ensino certo, para evitar abusos e falsas interpretações da Palavra Divina”.

Imaginem! O catolicismo, o maior deturpador da Palavra Divina, dando essa orientação! Com que autoridade?

Afinal de contas, os claretianos enquadram a sua tradução na tese proclamada desde o tridentino: compete à “santa madre” julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras.

Esta tradução sai a campo na defesa da hierarquialtria eclesiástica e no seu Índice Bíblico Doutrinal, ao vocábulo “bispo” apresenta o argumento escriturístico para a sua instituição e sucessão: Marcos 3.13-15; Atos 20.17-18; Filipenses 1.1; 1^a Timóteo 1.6.

Consentaneamente com o dogma da suprema autoridade do papa, como chefe visível da igreja universal, as explicações de Mateus 16.18-19 não nos causam espécie e firmam o católico entendido de Bíblia nas suas convicções papólatras.

Em resumidas palavras, a “Ave Maria” assim elucida:

“Mateus 16.19: *Pedro* (pedra, rocha): Jesus já tinha prometido este sobrenome a Simão quando o encontrou pela primeira vez (João 1.42).

19: *as chaves*: a tradição católica sempre viu nesta promessa a soberana autoridade conferida ao príncipe dos apóstolos e aos seus sucessores; mais tarde, depois da ressurreição, essa autoridade será ainda confirmada (João 21.15)”.

Qualquer pessoa que ler Gálatas 2.11 com isenção de ânimo e estando a par das circunstâncias que envolveram esse incidente verificará não só a fraqueza e tergiversação de Pedro, como o fato de não desfrutar ele qualquer posição superior. Em nota de rodapé, contudo, a Bíblia da “Ave Maria” se estende em longa explicação para diluir à vista dos católicos o real sentido dessa passagem.

E, para cúmulo dos absurdos, conclui por ressaltar a suposta autoridade de Pedro.

Eis o comentário estapafúrdio da Bíblia, versão ave-mariana:

Gálatas 2.11 – “Havia judeus cristãos que pensavam que os demais povos ou gentios convertidos deveriam seguir os costumes ou modos de viver dos judeus. S. Pedro e os Apóstolos, no entanto, no Concílio de Jerusalém haviam dado aos gentios convertidos a liberdade de seguir os costumes próprios (veja Atos 15.1-28).

S. Pedro seguia esta decisão, considerando os não judeus convertidos iguais aos demais cristãos. Mas devido a muitas críticas ou pressão de judeus fanáticos, achou prudente não comer mais com os gentios ou pagãos convertidos, para não suscitar críticas ou zangas prejudiciais.

S. Paulo, no entanto, achou que S. Pedro devia manter-se firme no costume adotado, para que todos vissem que os não-judeus convertidos e os judeus cristãos eram iguais perante o evangelho. Trata-se, portanto, de um modo externo de agir de S. Pedro de regime de prudência ou de energia, por conseguinte de assunto externo, acidental, secundário e não essencial, doutrinário ou dogmático.

S. Pedro aceitou e seguiu a advertência amiga de S. Paulo, comprovando assim que ambos estavam de pleno acordo a este respeito. Aliás, nunca houve desacordo doutrinário entre eles. Por este fato acima relatado, S. Paulo até reconhece que a autoridade de S. Pedro era grandemente acatada e de influência entre os cristãos, como Chefe da Igreja Universal que era”.

É bom repetir-se a leitura da última frase. Transcrevo-a, por isso, outra vez: “Por este fato acima relatado, S. Paulo até reconhece que a autoridade de S. Pedro era grandemente acatada e de influência entre os cristãos, como Chefe da Igreja Universal que era”.

Incrível! Se alguém me contasse, não creria! Só vendo mesmo...

Tantos absurdos em tão poucas palavras!

E o pobre católico, ao ler essa barbaridade, agrilhoa-se mais aos pés do papa. Com a Bíblia na mão e escravizado ao pontífice.

O estertor da demência ataca dos responsáveis da tradução avemariana quando chegam em Tiago 5.13-14. Logo de vergastada, fere o próprio texto: “Alguém está entre vós triste? Reze! Está alegre? Cante! Está alguém enfermo? Chame os sacerdotes da Igreja e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor”.

Chame os sacerdotes? Absurdo! No original está “presbíteros”, que é coisa bem diferente!

E o comentário sim que é de cabo de esquadra: “Os sacerdotes da Igreja: sacerdotes e anciãos em grego são a mesma palavra”. Mentira! “Presbautes” em grego significa “presbítero, ancião, velho”. E “sacerdote” é “iereus”. São coisas mui distintas. E o texto usa aquele vocabulário e não este!

Neste passo escrutinístico, de um só golpe, a versão “Ave Maria” quer enaltecer o sacerdote e lastrear o sacramento da extrema-unção!

.oOo.

A sacramentaltria romanista deve também ser justificada pela Bíblia, como querem os padres claretianos. Por isso, lacônica, mas decisivamente, para João 3.5, fornecem em duas palavras a seguinte explicação:

“Da água: alusão ao batismo”. A sofreguidão de arranjar passagens bíblicas que coonestem o sacramento do batismo é imensurável e chega ao despropósito inominável de, em uma palavra somente, dar uma esdrúxula elucidação para João 3.25: “Ora, entre os discípulos de João e um judeu suscitou-se uma contenda com respeito à purificação”.

É melhor que o leitor se recoste no espaldar da cadeira porque, com o susto, poderá ir ao chão.

“A *purificação*: o batismo”. Quer dizer que a discussão entre os discípulos do Batista e o judeu versava sobre o batismo. Essa é de cabo de esquadra!

.oOo.

Os reverendos claretianos desconhecem a diferença de sentido entre “orar” e “rezar”. Apre-iam, em consequência desta ignorância, repetir o verbo rezar em suas variantes ao invés de orar.

Ao transcreverem a oração sacerdotal de Cristo, registrada no capítulo 17 de João, dividem-na em três partes, encimando-as com os seguintes subtítulos: Jesus reza ao seu Pai, Jesus reza pelos seus discípulos, Jesus reza pela união de todos os homens de fé.

.oOo.

A “Ave Maria” mantém-se fiel à mariologia romanista e concorde com o seu próprio nome.

Em comentário de rodapé relativo a Lucas 2.7, explica: “*Primogênito* e único ao mesmo tempo, porque Maria permaneceu perpetuamente virgem”.

Que sandice! Primogênito quer dizer primeiro. Primogênito não é sinônimo de único. Se houve primeiro é porque se seguiram outros. Lucas escreveu o seu livro muitos anos depois do nascimento de Jesus.

E no Índice Bíblico Doutrinal apresenta uma explicação estapafúrdia.

“*Maria Santíssima*: é Mãe de Deus. Embora a Sagrada Escritura não diga que Maria é Mãe de Deus, afirma expressamente que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e que Maria é sua mãe. Portanto, segue-se que ela é Mãe de Deus. Mateus 1.18; 2.11; Atos 1.14; Lucas 1.41-43”.

Caramba! Isso é o absurdo do sofisma.

O pobre católico praticante, porém, aceita estar baseada na Bíblia a sua devoção à virgem Maria, “Mãe de Deus”...

A ansiedade de fundamentar na Bíblia a mariolatria é tamanha que a “Ave Maria” interpreta Apocalipse 12.1: “Os seus traços adaptam-se também à Nossa Senhora, à Virgem Maria: nas dores de sua “compaixão” ela dá à luz os irmãos de Jesus, que formam, unidos com Ele, Cristo total”.

.oOo.

O clero tem muito empenho em confundir os leitores das passagens bíblicas relativas à condenação do culto das imagens. Conheço muitos católicos fervorosos que se firmaram definitivamente em suas convicções depois que leram estas passagens em exemplares da Bíblia chamada católica, passagens essas acompanhadas das devidas notas explicativas.

Conclui o católico que o que Deus condena são os ídolos, isto é, as representações de deuses pagãos. Não condena as imagens, que são representações de Jesus, de Maria Santíssima e dos Santos, pois estes não são ídolos pagãos.

A versão da Bíblia lançada pela Editora Ave Maria dá a seguinte explicação absurda:

Êxodo 20.4: *"Imagem de escultura:* de madeira ou de pedra representando simbolicamente a Deus sob a forma de um astro, de um pássaro, de um homem, de uma animal, de uma planta ou de um animal aquático. O que Deus proíbe aqui não é a confecção de uma imagem religiosa qualquer (santos, querubins, serpente de bronze, etc.), mas somente a representação figurada de sua pessoa como objeto de adoração. Ver Êxodo 25.18).

E no Índice Bíblico Doutrinal, no item referente a Imagens: “Tanto no Êxodo como em Deuteronômio a proibição de imagens refere-se às imagens dos deuses estrangeiros e não de qualquer espécie de desenho, pintura ou escultura. Trata-se de ídolos e de figuras de deuses falsos que tomavam formas de pessoas, animais, astros, etc. Tanto é assim, que o mesmo Deus mandou Moisés fazer uma serpente de bronze. Esta imagem da serpente era prefigurativa de Jesus pregado na cruz: João3.14-15. Além disso, Deus mandou também Moisés fazer dois querubins para cobrirem o propiciatório: Êxodo 25.18-20. Salomão, quando construiu o templo, mandou fazer também querubins e outras figuras, entre as quais leões e bois: 1º Reis 7.29. Nem por isso o templo foi do desagrado de Deus. Deus, com essas proibições, procurava proteger o pequeno povo de Israel, cercado de tantos povos idólatras e ele mesmo propenso à idolatria.

Portanto, ao recriminar os católicos, os protestantes deveriam primeiramente provar que as imagens de Jesus Cristo, Maria Santíssima e dos Santos são realmente imagens daqueles deuses estrangeiros. Uma coisa é imagem, outra é ídolo. O mesmo Deus que proibiu fazer imagens (de ídolos) mandou fazer imagens (não de ídolos, como a serpente de bronze, os querubins)”.

Agora é o caso de se perguntar aos clérigos claretianos da Ave Maria: Quando Deus autorizou qualquer espécie de culto aos querubins do propiciatório e do templo? É oportuno, outrossim, perguntar-lhes por que

se esquecem de 2º Reis 18.1-3. Por que o rei Ezequias mandou destruir a serpente metálica? Exatamente porque o povo estava lhe prestando culto.

Numa emissora católica de São Paulo, ouvi uma palestra do clérigo Lucas Caravina sobre esse assunto “explosivo” (como dizia ele) do culto às imagens. Frise-se que esta palestra é da linha pós-conciliar.

O “reverendo”, seguindo a velha e carunchosa bitola, no seu arrazoado em prol desse culto, arrolou a serpente de metal, lembrando que o rei Ezequias, de fato, destruía-a porque os israelitas transgrediram os mandamentos do Senhor.

Deixou, porém, os seus ouvintes católicos no ar porque não especificou qual o mandamento que o povo transgredira, isto é, aquele povo prestava oferecendo-lhe inclusive incenso (2º Reis 18.4).

.oOo.

No Índice Bíblico Doutrinal da Bíblia “Ave Maria” culminam todas as suas parvoeiras. É o apogeu de sua virulência!

No desígnio de embasar, por exemplo, a confissão auricular numa possível instituição divina, arrola Mateus 16.18-19; 18.18; João 20.21-23.

Relativamente ao “sacramento da crisma” junta Atos 8.14-17; 2^a Coríntios 1.21-22; Efésios 1.13; 1^a João 2.20-27. Relaciona elementos (?) referentes à eucaristia, às relíquias e todo o acervo de heresias católicas.

.oOo.

6

A VERSÃO DA BÍBLIA DIVULGADA PELA ENCICLOPÉDIA BARSA

O catolicismo “aggiornado” assesta todas as suas baterias contra a Bíblia para solapar-lhe a mensagem pura e genuína. O seu Vaticano II estatuiu que os hierarcas “inteligentemente tratem de difundi-las [as edições da Sagrada Escritura munidas de anotações] de todos os modos”.

De todos os modos... Até de cambulhada com coleções de outras obras!

Acompanha a versão da Barsa, edição pós-conciliar – é do ano de 1966 –, para sacramentá-la, uma linda fotogravura do enfatuado Paulo VI a adornar sua mensagem papalina. Encerra-a, outrossim, um Dicionário Prático de autoria do bispo auxiliar do Rio de Janeiro, José Alberto L. de Castro Pinto. E a formalidade canônica é satisfeita com o “Imprimatur” do ordinário guanabarino.

Sente-se o catolicismo romano na urgência de se precaver diante da ameaça de perder com a leitura da Bíblia os seus fiéis mais inteligentes e cultos. Antecipa nesse propósito a transcrição do texto bíblico com uma longa introdução preparatória.

Dessa sua Introdução Geral vamos transcrever dois itens:

“§ 2 – Uma vez que a Igreja recebeu a promessa de contar com a ajuda do Espírito Santo (João 14.16), não se pode aceitar uma interpretação que seja contrária a alguma de suas definições.

§ 3 – Sendo a tradição parte integrante da revelação divina, não se pode admitir nenhuma interpretação que vá contra a opinião unânime dos santos padres ou doutores da Igreja primitiva”.

Não é preciso continuar mantendo presos ao cabresto da exegese os fiéis mais inteligentes?

Se o fim justifica os meios, por que escrúpulos de consciência?

Na conformidade de sua diligência por esse objetivo, na mesma Introdução, abre um capítulo intitulado: “A Bíblia e o Lar”. Desejando desestimular a leitura do texto sacro, jesuiticamente, aqui afirma: “Em todo o lar católico deveria haver pelo menos uma edição completa da Bíblia.

Não queremos nem devemos exagerar este ideal, pois bem sabemos que todo católico verdadeiro recebe sua instrução bíblica diretamente da Igreja, continuadora da obra de Cristo (Mateus 28.18-20), ao receber dela os sacramentos e ouvir as pregações de seus ministros, como também pelos florilégios bíblicos, livros de meditação acerca da Bíblia, livros litúrgicos e outros livros de oração também baseados na Bíblia.

Outra fonte de instrução bíblica são os crucifixos, imagens ou quadros de Jesus e Maria, verdadeiras reproduções ilustradas das passagens bíblicas, e outras devoções familiares como o Terço do Rosário,

o Ângelus, a Via Sacra, bem como as singelas lições de história sagrada que os pais e mestres transmitem às crianças em sua primeira instrução, pois não são elas outras coisas senão as próprias verdades bíblicas apresentadas em forma ao alcance dos pequeninos.

Além disto, todos aqueles que seguem a Missa com um missal têm aí as passagens mais importantes da Bíblia. Assim, pois, não come-teríamos o absurdo e nem cairíamos no ridículo de condenar lares católicos por não terem em suas casas a Bíblia completa”.

Afora as malfadadas notas explicativas tendentes a uma exegese esdrúxula, comuns às outras Bíblias católicas, esta da Barsa inculca as heresias da seita papalina também pelo método visual. Por isso estampa muitas gravuras multicoloridas

Assim completa a mariolatria com a gentileza de muitas estampas policrônicas sob o título geral de: “A Vida de Maria” e ilustradas com as legendas: “Joaquim e Ana, pais de Maria”, “A Imaculada Conceição”, “Os Pastores e os Três Reis”, “A Fuga para o Egito”, “A Infância de Jesus”, “Maria volta a Nazaré”, “A Morte de Ana”, “Maria durante a Vida Pública de Jesus”, “A Paixão de Jesus”, “Maria no Calvário”, “Cristo levado à Tumba”, “Maria no Enterro de Jesus”, “Cristo Aparece a Maria”, “Sua Coroação como Rainha”.

Dentre as mais, além de ridícula, a estampa: “A Morte de Ana” é sobremaneira cômica. Lá Maria aparece colocando um vela acesa nas mãos magérrimas da agonizante Ana, sua mãe lendária.

Certa feita conversava com um contador duma importante firma. A prosa derivou para o assunto religioso. Ao falar-lhe de Cristo, como único Salvador, alegou-me confiar também em Maria, Sua mãe. Dentre muitas loas que lhe entoou, mencionou sua fantástica assunção corporal aos céu.

Contestei-lhe por ser simples lenda e informei-o de que tal pseudo-episódio carece de informes bíblicos. Exaltou-se o contador mariano. Contradiisse-me com veemência: “Eu tenho a Bíblia Católica, oferta da Barsa. A Barsa é a maior enciclopédia do mundo! E a Bíblia é verdadeira porque aprovada até pelo papa. Não é falsa como a de vocês, protestantes. Caramba! Como não está na Bíblia se na minha tem até o retrato de Maria subindo para o céu?...”

Fazer o quê?

Na conformidade da instrução bíblica do contador mariano, até o Rosário está contido na Bíblia. Sim! Por que na Edição da Barsa, dentro do Salmo 106, além dos “mistérios contemplados”, há figuras de cada um de todos os 15 e “retratos” mesmo do Terço do Rosário.

É! O católico instruído precisa convencer-se de que a devoção do rosário é superbíblica!

A papolatria também é constelada de panegíricos matizados. Lá pela metade do capítulo 3º do Evangelho segundo Marcos, espalham-se as ricas fotografias do Vaticano, dentre as quais sobressai a da “rica tiara do papa”.

Sobre a da Basílica de São Pedro, o dístico arrogante: “a maior igreja do mundo”. E, a seguir, os informes: “Construída sobre a tumba de São Pedro, esta grandiosa Basílica é a meta de inúmeras peregrinações e é a Igreja mais famosa de toda a cristandade. Nela o sumo pontífice celebra as cerimônias mais solenes da Igreja”.

Construída sobre a tumba de São Pedro?

Mentira! Até hoje, em que pesem os ingentes esforços das escavações promovidas pelo Vaticano, isso não está provado. Aliás, quanto mais se pretende provar este fato, mais se prova o contrário!

Há muitas ficções de aspecto histórico que o catolicismo sustenta no bojo de sua propaganda sectária. Espalha, outrossim, e conscientemente, muitas falsificações doutrinárias a fim de que possa, como instituição, manter-se no cenário do mundo. Muitos crimes vem cometendo com a decisão de sobreviver. Particularmente, comete o delito de mutilar, com sua exegese tendenciosa, a Palavra de Deus.

As crianças nascidas em lares católicos são, desde os primeiros dias, marcadas com o sinete de sua impostura. A Bíblia da Barsa, que deve ser posta nas mãos das classes intelectualizadas, não se peja de trazer no seu Dicionário Prático esta barbaridade (porque informação anti-bíblica) sobre o batismo: “Ninguém pode ser salvo sem o batismo”. E sobre o batismo infantil (?) esta outra: “As crianças que morrem sem o batismo, não podem gozar a visão de Deus, nem entrarão no céu, mas não serão condenadas às penas do inferno. Ficarão num estado de felicidade natural que é conhecido como limbo”.

Desafio a todos os católicos intelectuais, e a todos os teólogos, e a todos os clérigos, que me provem pela Bíblia esta assertiva.

Supõe a hierarquia católica serem os seus súditos espirituais uns basbaques e chancela a Bíblia da Barsa e, como interstício, anexa 14 estampas multicores de partes da missa.

Diligencia todos os métodos para conservar os seus fiéis subjugados ao ritualismo da sua liturgia centralizada na missa, que, logo na Introdução da volumosa Bíblia daquela Enciclopédia, é considerada como o “ato mais solene de culto cristão (?), a repetição em forma incruenta do grande sacrifício oferecido por N. S. Jesus Cristo no Calvário”.

E no Dicionário Prático, sobre a missa, explana esta monstruosidade: “O sacrifício da Nova Lei no qual o sacrifício do Calvário se renova de modo incruento, Jesus, a Vítima Divina, se oferece a Si mesmo ao Pai Celeste pelas Mãos do sacerdote, seu ministro, estando real e verdadeiramente presente sob as aparências de pão e vinho como fez na última Ceia, quando celebrou pela primeira vez a S. Missa, ao instituir a eucaristia”.

E, para levar o católico à aceitação prática dessa doutrina espúria, no mesmo índice, sobre o purgatório, outra aberração, diz ser ele “um lugar de castigo temporal para os que morrem na graça de Deus, mas que não estão completamente livres de pecados veniais ou não satisfizeram completamente a pena devida por seus pecados...

No purgatório, as almas sofrem por algum tempo, em satisfação dos próprios pecados, antes de poderem entrar no céu... podem elas ser ajudadas pelas preces dos fiéis daqui da terra e especialmente pelo oferecimento do Santo Sacrifício da Missa”.

Tantas heresias num punhado de palavras...

Se os responsáveis da Encyclopédia Barsa tomassem consciência das inúmeras incoerências das notas explicativas e das ilustrações anexas à sua Bíblia, constatariam que esta interferência clerical presta um desserviço ao possível valor de sua obra.

.oOo.

7

“A BÍBLIA MAIS BELA DO MUNDO”

De todos os modos deve-se difundir a Bíblia, recomenda o Vaticano II. Mas a Bíblia torturada nos torniquetes da exegese malévolas.

Visto isto, a hierarquia abarrota as bancas de jornais e revistas com “A Bíblia mais Bela do Mundo”. Em fascículos semanais. Fartamente ilustrada com fotografias de painéis de cenários e personagens bíblicos das mais variadas procedências e épocas, abundantemente comentada com notas explicativas porque intenta entocar suas doutrinas e supliciar o significado lúmpido das passagens que lhe são contrárias.

No catolicismo moderno visa-se mormente promover a hierarquia. Tudo fazem os bispos para estarem no noticiário da imprensa. Até bem pouco se enclausuravam nos palácios. Agora querem aparecer a todo custo. Como a coca-cola, querem estar em todas...

“A Bíblia Mais Bela do Mundo” caiu no mesmo redemoinho. E de roldão!

A perícope de Mateus 16.13-19, a trincheira das usurpações pontifícias, está blindada com o comentário seguinte: “*As chaves do reino dos céus*: trata-se do supremo poder sobre o Reino de Deus, pois quem recebe as chaves de uma cidade, ou de uma casa, fica sendo seu supremo administrador. *Ligares e desligares*: significa os poderes de condenar e absolver. Como chefe visível da Igreja, Pedro tem o poder de promulgar leis, perdoar pecados, enfim, todos os atos necessários à administração da Igreja... Estes atos são aprovados e confirmados por Deus. Das palavras de Jesus proferidas a Pedro decorrem duas conclusões: a) se tudo o que Pedro fizer, como chefe visível da Igreja, terá aprovação de Deus, isto se deverá a uma especial assistência para não cair em erro, pois Deus não pode aprovar o erro.

Temos, pois, aqui a promessa da infalibilidade; b) se, mesmo depois da morte de Pedro, a Igreja há de permanecer indestrutível, deve-se admitir que os poderes concedidos a Pedro passem aos seus legítimos sucessores, os papas”.

E, comentando Mateus 18.18, diz: “Extensão aos ministros da Igreja, de um dos poderes dados a Pedro”.

Quanta sandice! Custar-me-ia crer na possibilidade de um amontoado de tamanhos despautérios se não fossem lavradas em letra de forma. Toda essa exegese ábsona escapa ao genuíno significado da períope, além de pretender transformar Deus num lacaio do papa. É uma interpretação blasfema e insultuosa à dignidade de Deus.

O pe. Manoel Jimenez, do grupo dos 30 e licenciado em ciências bíblicas, não se pejou de encabeçar a passagem de João 21.15-23 com o subtítulo: “Primado de Pedro” para ratificar os comentários acima transcritos.

O monsenhor Heládio Correia Laurini, consultor da Pontifícia Comissão Bíblica, meu professor de Sagrada Escritura, cujo método era o confuso e que entornava perdigotos em alta profusão, se responsabilizou pelo Evangelho segundo Lucas.

E na diligência de associar-se à incensação e rasga-seda à hierarquia, em Lucas 10, quando Jesus estabelece normas para a missão dos setenta discípulos, o sôfrego biblista alça o texto com o subtítulo: “Missão dos Apóstolos”. Que cegueira! E do consultor da Pontifícia Comissão Bíblica!

Aos hierarcas romanistas não basta a toda-suficiência do Salvador. Exigem de seus asseclas esforços pessoais no sentido de que cada um expie suas próprias iniquidades. Mateus 3.2 é assim traduzido: “E dizendo: Fazei penitência, pois bem próximo já está o reino dos céus”; e depois comenta: “*Fazei penitência*: do verbo *metanoein*, que significa mudar os sentimentos do coração, isto é, mudar de vida, converter-se dos pecados e expiá-los com obras de penitência; esta é a condição indispensável para se entrar no reino do Messias”.

A versão discrepa do original. E o comentário é um despropósito diante do texto bíblico e diante de si próprio porque desarrazoado. E o sangue de Jesus não nos pode purificar e expiar todo o pecado?

Nessa mesma tônica soturna, “A Bíblia Mais Bela do Mundo” analisa Mateus 18.7-9: “Expressões drásticas que não se devem tomar ao pé da letra, mas apenas urgem a necessidade da mortificação para que o cristão escape da perdição do inferno”.

Em vez do termo “orar”, o catolicismo aprecia “rezar”. Dentre uma infinidade de passagens, destacamos 1^a Timóteo 2.8: “Quero, portanto, que os homens rezem...”

As dificuldades que as Escrituras patenteiam contra a mariologia são contornadas por notas frágeis. Por exemplo, Lucas 8.19 traz esta observação: “*Irmãos*: pode significar primos e outros parentes próximos na linguagem bíblica. Assim deve ser entendido aqui, em razão do contexto geral do Evangelho, que apresenta Jesus como filho único”.

Ora, vejam! Pois o contexto geral do Evangelho é que não apresenta Jesus como filho único de Maria e menciona bastas vezes os seus irmãos!

A sacramentologia em “A Bíblia Mais Bela do Mundo” é defendida com unhas e dentes. Poderíamos enfileirar longa sequência de notas explicativas anexadas a muitos textos. Selecionei alguns.

A Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*” (§ 31) repisa o disparate de que “os fiéis, pelo batismo, são incorporados a Cristo”. Os judeus que

forçavam judaizar o Cristianismo prescreviam a circuncisão para que os gentios pudessesem se tornar cristãos. O catolicismo exige o batismo como condição absolutamente necessária. Na sua teologia, esse primeiro sacramento é a porta de acesso ao reino dos céus.

“A Bíblia Mais Bela do Mundo” não sai dessa bitola. Apresa-se em anteparar na opinião pública excêntrica doutrina. Sobre Romanos 8, “elucida”: “...o cristão agora está em Cristo pela incorporação batismal...” Em Marcos 1.9, arrazoa: “Uma coisa é o batismo de João (só com água) para simbolizar e estimular a contrição, e outra o de Jesus (com o Espírito Santo, simbolizado pela água), sinal e causa da graça santificante”.

O batismo que é a *causa* da graça? E não Jesus Cristo?

Em João 3.5 anota: “Alusão ao batismo e à sua necessidade”. Em Romanos 6.12, lembra que o batismo destrói o pecado!

Nestas notas explicativas tudo conspira para inculcar nos fiéis a convicção doutrinária sobre o batismo, absolutamente afastada do teor neotestamentário e em contraposição à eficácia única e infinita do sacrifício de Jesus Cristo.

Na preocupação de embasar bílicamente o sacramento da confissão, em João 20.23, apensa a interpretação: “Com estas palavras, Jesus institui o sacramento da penitência, na tarde do dia da ressurreição, como um dom pascal”. No texto afim, Lucas 24.45-48, porém, nem se recordou do assunto! Esqueceu-se, outrossim, de que em todo o Novo Testamento, em Atos e nas Epístolas, jamais se encontra alguém ajoelhado aos pés de um Apóstolo ou de um presbítero se confessando.

O sacramento da eucaristia também é amparado com as muletas carunchadas das notas explicativas. Em Mateus 26.26-28 anexou a inscrição: “Instituição da Eucaristia” e o comentário: “Chega-se ao ponto culminante da ceia pascal. É com gestos precisos e solenes do ritual judeu (bênçãos a Javé pronunciadas sobre o pão e o vinho) que Jesus sublinha os ritos sacramentais do novo culto que ele instaura, instituindo a eucaristia. Pela palavras de Jesus, o pão e o vinho (vv. 27-28) se convertem em seu corpo e sangue, e não em meros símbolos de seu corpo e sangue”.

Mui longe iríamos se continuássemos a enfileirar exemplos dos despautérios que essa Bíblia católica comete.

Estes, e já são tantos, nos demonstram o absoluto descrédito da hierarquia católica em matéria de exegese bíblica.

.oOo.

A VERSÃO DO PONTIFÍCIO INSTITUTO BÍBLICO DE ROMA

Se ventos aziagos têm agitado o barco pontifício, têm-lhe enfunado as velas a brisa serena proveniente das regiões protestantes e até evangélicas.

Com efeito, o movimento ecumênico lançado pelas colinas vaticanas visa duplo objetivo. O primeiro se constitui num convite franco às seitas católicas dissidentes e aos protestantes catolicizados no sentido de que aceitem a autoridade do papa. Não é de se estranhar se em qualquer dia destes o pontífice romano atender o convite que já lhe foi endereçado para ingressar no Concílio Mundial de Igrejas, cujas reuniões têm sido concluídas com a recitação da “Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte”.

O outro objetivo visa diretamente os crentes, pois o mencionado movimento pretende quebrar-lhes o elã evangelizante, esfriar-lhes a ousadia de anunciar o Evangelho. E, neste intento, se utiliza de muitas artimanhas porque o papa sabe ser manhoso e astuto.

Quer “sua santidade” que os evangélicos o olhem com simpatia e apreço. Quer, outrossim, que os crentes o considerem amigo e se convençam das “profundas” mudanças acontecidas em sua seita. Rende-lhe muito a ideia generalizada nos meios evangélicos de que o catolicismo anterior ao Concílio Vaticano II era um e o catolicismo pós-conciliar é totalmente diferente.

Os basbaques, diante de ligeira caiação sofrida pelo catolicismo romano, supõem haver acontecido profunda mudança lá dentro, apesar do papa haver repetido tantas vezes que os dogmas são intocáveis e imutáveis. O número dos estultos é infinito e muitos evangélicos participantes deste número relutam em não observar a realidade das coisas.

Desejam ser mui atualizados e não passam de pobres pascápios dignos de dó.

Na reunião conciliar de 6 de outubro de 1964, o prelado Constantino Caminada interpretou os sentimentos da caterva episcopal, ao dizer: “A difusão indiscriminada da Sagrada Escritura pode transformar-se em real perigo para muitas almas... Aliás, muitas edições ‘populares’ da Bíblia não respondem suficientemente aos numerosos problemas que os leigos irão encontrar. E, assim, frequentemente, a leitura da Bíblia é causa de dúvidas e tragédias espirituais. E a experiência nos ensina que estas dificuldades se tornam ainda maiores nos leitores mais inteligentes”.

O reconhecimento do problema já é caminho de resolvê-lo.

Os bispos conciliares examinaram a dificuldade sob todos os ângulos. Equacionaram-na. Encontraram a devida solução.

É oportuna uma observação importante: nem todos os católicos são contemplados com as mesmas atenções pelo clero. Há os marginalizados na periferia da seita por se encontrarem totalmente afastados de suas práticas. Há os “mais ou menos”, aqueles que seguem fervorosos.

Pois bem. Estes devem ser como o fermento na massa católica e, por isso, merecem atenções especiais do clero. Para eles, os círculos de estudos, por exemplo, os chamados cursilhos, onde estudam a Bíblia à luz das doutrinas católicas.

Estes católicos praticantes, em sentido concêntrico, é que devem fazer as ondas segundo o sabor da hierarquia eclesiástica, embalando toda a opinião pública católica, inclusive dos periféricos e até dos evangélicos.

A atuação desse grupo conscientizado (?) é tão eficaz que se utiliza até da imprensa laica.

Nas mãos dessa gente é que se encontra a mais nova tradução católica da Bíblia, a produzida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma.

.oOo.

Todas as versões anteriores se distanciam da solução efetiva do problema proposto pelo bispo Caminada e sentido agudamente por toda a hierarquia clerical.

O empenho do Concílio Vaticano II se revelou, por conseguinte, incontestável. Incisivo. “Façam-se edições da Sagrada Escritura munidas de apropriadas anotações... Inteligentemente tratem de difundi-las de todos os modos” (Constituição Dogmática “*Dei Verbum*” – § 25).

Devem ser diluídos os temores de que a leitura da Bíblia cause dúvidas e desamarre os seus subalternos das cadeias espirituais romanistas.

Por isso, nos fornos da alquimia do Pontifício Instituto Bíblico, produziu-se a nova versão da Bíblia com um número imensuravelmente mais abundante de notas explicativas a fim de que sejam atendidas as mais frescas exigências da hierarquia eclesiástica.

Pasmem, senhores! Levando-se em conta o menor tamanho do tipo gráfico das letras utilizadas na impressão das notas explicativas, estas abrangem maior área impressa do que a área do texto bíblico.

E mais do que todas as versões católicas anteriores, esta edição pós-conciliar inundada de “notas explicativas” ao talante da “santa madre”, manobra a incoerência, a chicana, a cilada, o sofisma, a protéria, o cinismo, a objeção, todas as formas de um único crime: a contradição da Verdade!

Ela traz o sinete inconfundível da adulteração perversa da Grande Obra da Revelação de Deus.

As suas “anotações” supliciam o significado das passagens sacras. Elas conspurcam, obliteram o sentido genuíno das passagens que causam embaraços à teologia pontifícia.

Logo na sua Introdução, no intuito de justificar o acervo das notas explicativas, à página 10, lembra: “Para as traduções em língua vernácula está prescrito (a menos que se trate de uma concessão especial e direta da santa sé) que sejam acompanhadas de notas extraídas de autores católicos, sobretudo dos Padres da Igreja. A razão desta prescrição também é óbvia. A Bíblia, por muitos motivos, não é um livro de fácil compreensão. O seu objeto central é Deus e as suas obras, que em muitos pontos ultrapassam o intelecto humano; trata de fatos tão distantes de nós pela época e pelos lugares; emprega uma linguagem de estilos literários diversos dos nossos. ‘Sem guia ou sem mestre não se pode presumir de compreender as Sagradas Escrituras’ – escrevia S. Jerônimo ao culto senador S. Paulino de Nola.

E S. Pedro advertiu os fiéis que nas epístolas de S. Paulo “há coisas difíceis de se compreender, que os de escassa instrução e de fé não consolidada as adulteram para sua própria perdição, como fazem também com as demais Escrituras” (2^a Pedro 3.16). Não se podia fazer uma advertência mais autorizada e mais severa ao mesmo tempo, contra quem pretende que a Bíblia seja acessível a todos e possa estar nas mãos do povo sem notas explicativas.

Além da necessidade de notas, é evidente que elas devem ser hauridas das fontes puras da tradição católica. A Sagrada Escritura, como vimos, é mais efeito de inspiração divina do que de engenho humano; para bem compreendê-la, por tanto, não bastam os esforços da inteligência humana; requerem-se também as luzes do Espírito Santo, as quais não se encontram senão na Igreja, à qual o seu divino fundador prometeu a assistência contínua do Espírito (Mateus 28.20; João 14.16-17).

Cabe também aqui a advertência que já ouvimos do Príncipe dos Apóstolos (2^a Pedro 1.20-21) que “a Escritura não está sujeita à interpretação particular, porque os santos homens de Deus não foram movidos a falar por arbítrio de homem, mas pelo Espírito Santo”.

Lembram-se do que no mesmo sentido disseram os Concílios anteriores ao Vaticano II? Não será, porventura, a repetição da mesma coisa?

Em que mudou o catolicismo romano, senhores?

E querem saber mais? Vejam como essa versão comenta 2^a Pedro 3.15-17: “Sumamente importante é o aviso que vem a seguir, a respeito das epístolas do Apóstolo dos gentios, bem como a respeito das *outras Escrituras* inspiradas a fim de que ninguém presuma entendê-las por si mesmo, sem guia autorizado, e, menos ainda, se julgue livre para interpretá-las a seu talante.

Nas palavras que seguem (*deturpam as Escrituras para sua própria ruína*), está lavrada a condenação de todas as heresias, principalmente a do protestantismo, que arvorou a Bíblia, interpretada privativamente, como única regra de fé. A severa manifestação final acautela-nos diretamente contra este erro dos ímpios”.

O clero pós-conciliar nos chama de “irmãos separados”. Vejam, porém, como a sua Bíblia pós-conciliar se refere a nós. Querer inculcar nos católicos praticantes e estudiosos da Bíblia nos cursilhos que nesta perícope petrina “está lavrada a condenação de todas as heresias, principalmente a do protestantismo, que arvorou a Bíblia, interpretada privativamente, como única regra de fé”.

Extra muros romanistas somos “irmãos separados”. Intra muros carolistas somos taxados de ímpios.

E os palúrdios a se babarem com as meiguices clericais...

A Bíblia pós-conciliar, na mesma pegada dos Concílios de Trento e Vaticano II (“*Dei Verbum*” – § 1), porque o catolicismo é sempre o mesmo, explica 2^a Pedro 1.20-21: “*Profecia*: significa, aqui, de modo geral, palavra inspirada, como o é toda a Sagrada Escritura. Tendo por autor o próprio

Deus e não somente as forças humanas, não se pode explicar sem assistência do Espírito Santo e da Igreja, que é seu órgão oficial”.

Novos ares jamais poderão bafejar a dogmática romanista. Este comentário pós-conciliar Vaticano II é digno de seus ancestrais Vaticano I e Tridentino.

Não é em vão que sinto intensa revolta quando ouço um pastor evangélico que alisou as bancas de curso superior de teologia proclamar sua apreciação pelas reformas profundas do romanismo operadas pelo Concílio Vaticano II.

Esses senhores cabalmente demonstram a sua ignorância e que a ciência não entra pelos fundilhos do assento e, por isso, em que pese haverem lustrado as bancas das faculdades de teologia, são açoitados, como caniços, pelos ventos de doutrinas inconsistentes.

.oOo.

Todas as versões bíblicas católicas anteriores se propuseram exaltar a hierarquia eclesiástica. Seguindo a dogmática pós-conciliar, cujo auge de demência hierarquiolátrica se expressa na Constituição “Lumen Gentium”, a recente tradução fabricada pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma está posta a serviço desse propósito para não desmentir os interesses clericais do passado quanto à própria promoção.

O designio primordial do Concílio Vaticano II foi a glorificação da hierarquia eclesiástica, a sua transsubstanciação em Novíssimo Testamento. Dar foros de legitimidade a um cristianismo hierarquizado. Falsificado, portanto.

Jesus veio desierarquizar a religião. O Vaticano II promove o contrário.

Comenta, por isso, Lucas 10.16: “Os apóstolos e seus sucessores são representantes e porta-vozes de Jesus Cristo, que os investiu com seus poderes e fala por sua boca”.

Se, no passado, o clero primava pela ignorância da Bíblia, atualmente continua em semelhante postura. E, com efeito, esta passagem: “Quem vos der ouvidos, ouve-Me a Mim; e, quem vos resistir, a Mim Me rejeita; quem, porém, Me rejeitar, rejeita Aquele que Me enviou”, Jesus a disse aos setenta discípulos e não aos apóstolos.

Para Atos 6.3, a tradução provinda do Pontifício Instituto Bíblico de Roma apresenta a seguinte explicação: “Procurai, portanto, ó Irmãos, entre vós, sete homens de boa reputação...; entregaremos a estes essa incumbência... *Procurai... entregaremos*: para a designação das pessoas

recorre-se ao sufrágio popular, mas o poder, o encargo, é conferido pelos apóstolos (v. 2), os chefes da Igreja”.

Herdeiro imediato do Vaticano I, este último Concílio tentou dobrar a realidade objetiva da eclesiologia neotestamentária ao apriorismo dos caprichos da autocracia papal.

A Bíblia do Pontifício Instituto Bíblico é um reflexo rematado da Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”.

Assim é que, na ânsia de blindar a dinastia dos pretensos sucessores de Pedro, vale-se de Mateus 16.13-20, contra quem pratica a mais criminosa tortura nos próprios moldes enferrujados da teologia romanista. Epigrafa-a com o veneno: “Confissão de Pedro. O fundamento da Igreja. Promessa do primado”.

A tradução do verso 18 é apresentada com o propósito de levar o católico a se convencer da suprema autoridade do papa como sucessor de Pedro: “Ora também eu te digo: Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus, e o que ligares na terra ficará ligado nos céus; e o que desligares na terra ficará desligado nos céus”. E, com efeito, o papólatra se convence, e com base na Bíblia, de que Deus se torna um lacaio do pontífice romano. Lá no céu, Deus, às ordens dele, liga tudo o que ele ligar aqui na terra; e desliga tudo o que ele desligar cá embaixo!

Em comentário de rodapé, conclui a tarefa de injetar conteúdo papólatra na passagem evangélica:

“*Tu és Pedro*: Jesus dá a Simão um nome novo, do qual lhe falara já no primeiro encontro com ele (cf. João 1.42; Marcos 3.16), Pedro, em aramaico, Kefas (= Rocha, pedra), que foi traduzido Petróis para o grego e Petrus para o latim. *E sobre esta pedra edificarei a minha igreja*: Pedro é o alicerce da Igreja; firme, indestrutível, como rocha granítica. Com o nome de *Igreja* quer Jesus indicar o reino de Deus sobre a terra, que ele veio fundar. *As portas do inferno*: o poder de satanás, com seus adeptos, inimigos da igreja, que a combatem. O inferno é representado sob a forma de uma fortaleza bem defendida que, por sinédoque, é o significado da palavra *as portas*. Na linguagem escriturística dar a alguém *as chaves* de uma cidade ou de uma casa, bem como na antiguidade e mesmo nos nossos dias, quer dizer conferir-lhe o supremo poder. É esta outra imagem que Jesus usa para prometer a Pedro o primado da Igreja. *O que ligares*: a locução “ligar” e “desligar” significa não só proibir e permitir, mas ainda condenar e absolver. É outro modo figurado com que Jesus promete a Pedro o poder supremo na Igreja, com referência particular ao poder legislativo e coercitivo”.

E para Mateus 18.18, aduz esta explicação: “Aos seus apóstolos unidos ao seu chefe e sob sua dependência, e neles à Igreja, Jesus dá o poder de ligar e desligar” (cf. 16.18).

Não se impressionem! Ninguém precisa esfregar os olhos a supor que haja cochilado e sido transportado a priscas eras. Não! É essa a atualíssima, a pós-conciliaríssima doutrina romanista sobre o irreformável dogma da autoridade do papa procedente de Pedro, considerado – e não Jesus Cristo! – o “alicerce da Igreja, firme, indestrutível como a rocha granítica”.

No dogma petrolátrico, Mateus 16.13-20 e João 21.15-23 entrelaçam-se porque se, naquela perícope, o catolicismo romano pretende ver a Promessa do Primado, nesta quer ver a sua investidura e, por isso, coloca-a sob o título: “Jesus confere o Primado a Pedro”, e comenta: “Jesus dirige a Pedro, sucessivamente, três perguntas acerca da caridade, mais intensa do que a dos outros, a fim de lhe oferecer a ocasião de reparar as três negações, para declarar que o pastor supremo deve dar-se inteiramente ao bem das ovelhas, sacrificando-se por elas e, por isso, deve amá-las com o mais forte amor.

Pedro responde com grande humildade, lembrando-se da sua tríplice negação. Com as palavras *cordeiros* e *ovelhas* quer-se significar a universalidade do rebanho, sem exceção alguma. Com isso Pedro é constituído chefe supremo da Igreja e a deve apascentar, isto é, governar”.

Pasmem! O Pontifício Instituto Bíblico, a cavaleiro na onda pós-conciliar, referindo-se a João 21, lembra ser ele um “apêndice importante, escrito pelo próprio João depois do restante, ainda antes de seu Evangelho ser publicado, a fim de pôr em relevo o primado que Jesus conferiu a Pedro”.

O chegar uma exegese a esse ponto não é o cúmulo do absurdo?

Mas, imbecilizado com o fanatismo petrolátrico, o Instituto é capaz de tudo em sua exegese atrofiante. Então, não se envergonha de, na sua Introdução à Epístola aos Romanos, indicar Pedro em parceria com Paulo, como fundador da Igreja de Roma.

Em Marcos 8.27-30, encontra-se a passagem paralela de Mateus 16.13-20. É de se estranhar que Marcos, em sendo o escritor que registrou as informações de Pedro, não alude à pretendida promessa relativa ao primado de Pedro. Prevendo essa possível dificuldade por parte dos católicos praticantes, vai-lhes em socorro antecipado, prevendo-os: “Pode parecer estranho que Marcos não faça alusão à promessa do primado que Jesus fez a Simão Pedro, embora não deixe de fazer compreender que Pedro é o chefe da Igreja. Eusébio (“Demonstrações Evangélicas”, III, 89-

92) e outros dão como razão que Marcos reproduz quase palavra por palavra as recordações e a catequese de Pedro, o qual, por um sentimento de humildade, preferia fazer ressaltar as suas faltas e deixar em discreto olvido tudo o que podia haver de honroso para ele". Tão piegas e inconsistente este comentário que nem merece qualquer observação, pois, por si só, se anula.

No intento, contudo, de inocular o vírus papolátrico nas páginas novitestamentárias com o fim de firmar convicções tendenciosas em seus mais estrênuos fiéis, em conta de nada tem a verdade do fato mencionado em Atos 1.15 porque quer ver Pedro no exercício do seu utópico primado: "*Levantou-se Pedro no meio dos irmãos*: aqui e a seguir até ao fim do capítulo 15, sempre que se fala do colégio apostólico e da Igreja nascente, Pedro aparece constantemente como chefe de todos, para representar, dispor e decidir com autoridade (2.14, 37; 3.5, 12; 4.8; 5.3, 29; 8.19; 9.32; 10.5-48; 11.4; 12.3; 15.7). Exerce, portanto, em ato aquele primado sobre os demais apóstolos e sobre a Igreja, que lhe fora predito pelo Mestre (Mateus 16.13-19; Lucas 22.32) e lhe fora conferido após a ressurreição (João 21.15-17)".

Sem se lembrar de que o nome do apóstolo Pedro nem é mencionado no episódio da eleição dos diáconos, o que foi um fato importante, em Atos 15 leva os fiéis a verem-no na presidência da assembleia de Jerusalém, mesmo que nesse intento postergue os versículos 4, 6, 7, 12, 13 e 22 desse capítulo. (Um superficial exame destes versículos demonstra serem infundadas as pretensões romanistas quanto à posição primacial de Pedro).

Note-se o comentário tendencioso de Atos 15.6: "*Reuniram-se então os apóstolos*: a questão era grave e fundamental. Por isso os apóstolos e os demais chefes reúnem-se sob a presidência de Pedro para decidir solenemente. É o primeiro Concílio na História da Igreja, o Concílio Apostólico".

Impressiona à teologia clerical de Roma a falta absoluta de elementos novitestamentários que coloquem Paulo em atitude submissa à autoridade de Pedro. No afã, porém, de forçar uma situação a pôr o Apóstolo no acatamento dessa pretendida autoridade, a Bíblia do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, sacramentada com as grandes decisões do Concílio Ecumênico Vaticano II, explica Gálatas 1.18: "Paulo, que depois da sua conversão começara logo a pregar Jesus Cristo, obrigado a fugir de Damasco para escapar às ciladas dos judeus, somente *três anos mais tarde* dirigiu-se para Jerusalém, a fim de visitar Cefas, isto é, Pedro, não

por necessidade de apreender dele o Evangelho, e sim para conhecê-lo e prestar homenagem ao chefe da Igreja”.

E então? Lá se foi Paulo de cambulhada também a “prestar homenagem ao chefe da Igreja”.

A falta de vergonha dos responsáveis pela versão da Bíblia preparada no Pontifício Instituto Bíblico se excede quando da audácia em remover os percalços com que Gálatas 2.11-13 atravanca o caminho da teologia papolátrica. Tenta safar-se e mais ainda enganar os católicos que devem firmar sua devoção ao papa com base na Bíblia, oferecendo a seguinte elucidação: “Cefas, isto é, Pedro, vindo a Antioquia talvez para visitar essa Igreja, entre- tinha-se e comia com os cristãos vindos da gentilidade, demonstrando desse modo, com a sua autoridade, que a lei fora abolida também para os judeus-cristãos. Depois, porém, absteve-se disso, levado pelo temor de escandalizar alguns judeus-cristãos, vindos de Jerusalém, da parte de Tiago, pois em Jerusalém continuavam a praticar-se as observâncias legais, que estavam mortas, e não eram, porém, mortíferas, mas que alguns as consideravam obrigatórias. *Simulação*: A conduta de Pedro, de Barnabé e de outros judeus tinha toda a aparência de hipocrisia, como se julgassem obrigados às observâncias legais, ainda que estivessem convencidos de que a lei estava ab-rogada; por isso aquela conduta desaprovada e repreendida pelos cristãos. Era, portanto, uma questão prática, perigosa para o bem e a unidade da Igreja. Paulo, movido tão-somente por zelo apostólico, opôs-se a Pedro numa rebelião pública. Não critica nem sua pessoa, nem as suas intenções, nem a sua doutrina, mas a sua conduta in- consequente que, por causa da sua autoridade de chefe da Igreja, podia ser ocasião de grave dano para ela”.

O fato que prova a fraqueza de Pedro, a sua errância e a sua falibilidade, nos torniquetes vaticanos pós-conciliares, sofre um verdadeiro estraçalhamento no objetivo de exaltar a falaz e inexistente autoridade de Pedro, como chefe da Igreja.

Fiquei atônito ao constatar no Índice Analítico da Bíblia do Pontifício Instituto o “arranjo” para demonstrar bíblicamente que Lino foi o primeiro sucessor de Pedro. Aliás, no Vaticano II aconteceram ginásticas mentais de acrobacia arrepiadora para se sofismar em favor da suposta sucessão apostólica. E o Pontifício Instituto endossa a sua “prova” com 2^a Timóteo 4.21. Pasmo, fui verificar nesse versículo algum comentário. E encontrei isto: “*Lino*: é o primeiro sucessor de Pedro em Roma”.

Toda a estrutura monolítica da teologia romanista se firma no dogma do primado e da infalibilidade do papa, como fundamento indestrutível da Igreja, por ser sucessor de Pedro. Ora, o Concílio Vaticano II, como

continuador do Concílio Vaticano I, teve como principal tarefa solidificar o dogma pontifício injetando-lhe forte dose de argamassa com a proclamação de um novo dogma, qual seja o da colegialidade episcopal.

Transcrevemos apenas algumas notas explicativas das muitas arroladas na Bíblia do Pontifício Instituto Bíblico de Roma com o propósito de levar os católicos a permanecerem subalternos ao “santo padre” porque lhes exige a Revelação Bíblica. Eis o escopo dessa obra!

.oOo.

A sacramentalatria foi também “aguabentada” pelo Concílio Vaticano II como não podia deixar de ser.

Dos sete sacramentos, na conformidade da definição do Concílio de Trento, o batismo é o mais importante e o fundamental. O Vaticano II também nisto segue-lhe as pegadas ao dogmatizar que os homens “se tornam filhos de Deus no batismo” (Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*” – § 11).

Em resultante, sobre este assunto a chusma de notas explicativas da tradução do Pontifício Instituto Bíblico de Roma.

Babam-se todo alguns evangélicos ao lerem o comentário sobre Romanos 3.6-7: “Em grego, “*baptizein*” (donde vem o nosso vocábulo “batizar”) significa “imergir”, de modo que “batismo” tem sentido de “imersão”. Nos tempos primitivos conferia-se, e ainda hoje em dia, em muitas igrejas, por imersão o primeiro sacramento”.

Afinal, o catolicismo nunca negou isso. Agora, conforme a sua teologia, a igreja, de cuja autoridade se reveste o papa, pode modificar as instruções da Bíblia e adotar validamente outra forma de administração do batismo.

Entusiasmados, porém, com essa nota de rodapé, esquecem-se esses evangélicos de observar as aleivosias das demais anotações elucidativas sobre o batismo, consentâneas, aliás, com a teologia batismólatra.

A versão procedente do Pontifício Instituto Bíblico cria e força oportunidades para defender a teologia romanista do batismo.

Assim, diz que João 3.3: “Afirma que é necessária a regeneração por meio do batismo”. E comenta João 3.5-6: “A condição essencial para começar a fazer parte do reino de Deus é geração à vida divina, que só se pode alcançar com o batismo”.

Mas, se assim fosse, que valor teria a fé?

Teimosamente, repete, em notas de rodapé, os seus absurdos sobre o chamado sacramento regenerador, quando comenta Mateus 3.15: “Toda

justiça indica aqui a coisa mais perfeita e mais em conformidade com a vontade de Deus. Jesus quis ser batizado por sentimentos de humildade e para incitar também outros, que dele precisavam, a receberem o batismo de penitência. De modo especial, quis santificar as águas, instituindo o sacramento do batismo, cuja necessidade mais tarde promulgaria”.

Ainda um aspecto muito grave envolve essas observações do Pontifício Instituto Bíblico relativas ao batismo, porquanto a teologia católica não sabe dizer quando esse “sacramento” foi instituído por Jesus. E como, contrariando essa circunstância, afirma essa nota que, ao ser batizado por João, instituiu Jesus o sacramento do batismo?

Seu escopo é iludir os seus fiéis, conservando-os imbecilizados ao redor das pias batismais a segurarem os bebês que devem ser carimbados: católico romano. Por isso, ao comentar Gálatas 2.3-5, enfatiza: “A justificação que nos foi conferida no batismo”. Em Gálatas 5.24, atira outro petardo: “Os cristãos incorporados a Jesus Cristo mediante a graça recebida no batismo”.

A versão da Bíblia produzida pelo Pontifício Instituto Bíblico traz também um Índice Analítico. Vale a pena transcreverem-se suas afirmativas sobre o batismo. Pretende provar bílicamente que “é o lavacro da regeneração e da renovação: Tito 3.5-7; que nos dá um novo nascimento: João 3.3, 5-6, 8; 4.10-14; 5.21-24; cf. 6.50-51, 54-58; 1166 Coríntios 5.17; 15.45-49; 1^a Pedro 1.22-23; faz de nós novas criaturas: 2^a Coríntios 5.17; isto é, filhos de Deus: Romanos 8.15; 11.17-24; Gálatas 4.5; Efésios 1.5; 2^a Pedro 1.4; confere-nos, além da graça, virtudes e dons: João 1.14-16; revestindo-nos mais de Cristo: Gálatas 3.27; Romanos 13.12-14; 1^a Coríntios 10.1-14; 12.1; Efésios 4.24; 5.8; Colossenses 3.9-15; Hebreus 10.19-25; 1- João 2.6, 29; 3.9; 4.7; 5.4, 18”.

Torna-se jocoso para quem está desprendido dos grilhões romanistas ler esses versículos em confronto com essas doutrinas. Eles nada têm a ver com elas e com as pretensões pontifícias. Em nada corroboram as intenções do Vaticano II. O agrilhado romanista, porém, não se apercebe disso e se baba todo diante dessas considerações bíblicas (?) sobre o sacramento que o tornou filho de Deus, incorporado em Jesus Cristo, herdeiro do céu e credenciado à vida eterna (???)

Se o batismo produz tudo isso, por que Paulo não batizava? E nem Jesus?

No conjunto da sacramentalatria, ao batismo se segue a crisma, que mereceu a seguinte explicação sugerida por Atos 8.17: “*Impunham-lhe as mãos: Foram com a finalidade (vv. 14-15) de conferir-lhes a graça especial do Espírito Santo distinta da do batismo (v. 16) e acompanhada de*

carismas especiais naqueles primórdios; conferiam-na com a imposição das mãos, o que o diácono Filipe não podia fazer. É o sacramento da confirmação ou crisma”.

Desculpe-me o Pontifício Instituto, mas preciso fazer-lhe uma pergunta: Acaso Ananias, de Damasco, era apóstolo? E impôs as mãos sobre Paulo.

O que importa, todavia, ao Pontifício Instituto pós-conciliar é confundir os católicos desconhecedores da Palavra de Deus. Para isso, como os comentários das outras Bíblicas acróáticas (para o catolicismo, evidentemente), o Instituto papista também vê em Tiago 5.13-15 o sacramento da extrema-unção.

O confessionário precisa, outrossim, manter sua permanência com o propósito de imolar as consciências ao jugo sectário do clero. Sem atribuir nenhum valor ao passo congênero (Lucas 24.36-43), favorece esse sacramento com a seguinte hermenêutica de João 20.21-23: “Jesus comunica aos apóstolos a missão de santificação e de salvação dos homens, que recebeu do Pai e que os apóstolos devem continuar no mundo. Sopra sobre eles para significar o poder divino que está para dali, de perdoar os pecados e que é atribuído de modo particular ao Espírito Santo... O poder de perdoar pecados sob a forma de julgamento exige a confissão. Ao dar esse poder à Igreja, Jesus instituiu o sacramento da penitência”.

A faina de pretender conseguir bases na Bíblia para a carnificina espiritual do confessionário chega ao atrevimento de adulterar Tiago 5.16 com a seguinte exegese herética e singular: “*Confessai... uns aos outros*: Dito de modo geral à comunidade, aplica-se aos indivíduos, segundo o estado de cada um. Como *orai uns pelos outros* quer dizer aqui: quem precisar, confesse-se aos seniores da Igreja (v. 14)”. Neste v. 14 refere a Atos 11.30 para dizer que seniores são os sacerdotes católicos. Então, quem precisar, confesse-se ao padre...

“Instituição da Eucaristia” está no cabeçalho dos parágrafos de Mateus 26.26-30; Marcos 14.22-26; Lucas 22.19-20. Tudo ao sabor de Matos Soares porque o catolicismo pós-conciliar Vaticano II permanece fincado nos sulcos tridentinos. E, em margem inferior da página, comenta Mateus 6.26-30: “A Ceia legal chegava ao seu termo, quando Jesus tomou nas mãos o pão ázimo... disse sobre aquele pão: Isto é o meu corpo. Em seguida, tomando uma taça com vinho temperado com um pouco de água, disse: *isto é o meu sangue*. A palavra onipotente de Jesus, não figurada nem simbólica, mas simples e clara, muda aquele pão e aquele vinho no

seu corpo e sangue, e institui a eucaristia, como banquete das almas e como sacrifício”.

Em Lucas 22.19, acrescenta: “Às palavras da consagração eucarística narradas pelos outros dois sinóticos, Lucas, a exemplo do que fizera São Paulo (cf. 1^a Coríntios 11), acrescenta: *que é dado por vós*, isto é, que já, desde agora, sacrifica-se por vós. Com as outras palavras: *fazei isto*, ou seja, o que eu disse e fiz, Jesus instituiu o sacramento da Ordem e o confere aos apóstolos, a fim de que, com a celebração dos divinos mistérios (a santa missa) o sacrifício eucarístico se perpetue até ao fim do mundo”.

Na mesma intenção de deturpar o simbolismo evidente da Ceia do Senhor, o Pontifício Instituto Bíblico, ao comentar 1^a Coríntios 11.23-26, após repetir a mesma heresia acima sobre as palavras “anunciais a morte do Senhor” alega que “indicam muito claramente que não se trata de uma simples comemoração, mas de uma repetição do sacrifício do Calvário”.

Abismado com tamanho dislate, pois o sacrifício de Jesus não pode repetir-se em consequência de ser de valor infinito, fui consultar as notas explicativas contidas no capítulo 10 de Hebreus, onde há várias referências à unicidade desse sacrifício.

Nada encontrei. Encurralado por Hebreus 10, o Pontifício Instituto Bíblico de Roma resolveu não se manifestar. Emudeceu!

.oOo.

A mariolatria, ampliada em suas heresias com a promulgação, aos 21 de novembro de 1964, do dogma de *Maria, mãe da Igreja*, recebe do Pontifício Instituto baforadas de incenso nesse culto absolutamente adverso à Revelação.

Em sua elucidação (?!?) de João 19.26, à moda do Vaticano II, entorna a seguinte monstruosidade: “Com um ato de afeto filial supremo pensa Jesus em sua Mãe e confia-a ao seu discípulo predileto, dando-lhe por filho em seu lugar, e pensa também no discípulo e, na pessoa dele, em todos os seguidores de todos os tempos, dando-lhes Maria por Mãe. Ela é, aos pés da cruz, a nossa corentora com Jesus, é o canal pelo qual o fruto precioso do sacrifício do Calvário chega aos homens”.

Será possível outra blasfêmia semelhante contra o inefável mistério da toda-suficiência de Jesus Cristo?

No seu Índice Analítico, esse volume massacrador da Bíblia indica ainda Gênesis 3.15 como base escriturística da coreenção de Maria. E para a “doutrina” de Maria, dispensadora de todas as graças (a Senhora das Graças) arrola estes textos: Gênesis 3.15; Lucas 1.44; João 2.1-11. E

para a de Maria, Rainha Universal: Isaías 7.14; 11.1; Salmo 45.10; Lucas 1.32-33, 43; Apocalipse 12.1. Em prol de sua virgindade depois do parto: Lucas 1.34; João 19.26, e de sua assunção ao céu: Gênesis 3.15; Salmo 16.10; Apocalipse 12.14.

Com os seguintes textos quer destacar a realização de sua missão de mãe de Deus: Isaías 7.14; Miqueias 5.2-3; Mateus 2.11; Lucas 1.31, 43; 2.1, 3, 5, 12; 19.25-26; Atos 1.14; Gálatas 4.4; Rainha dos anjos: Efésios 1.10; Colossenses 1.13-20; Rainha dos homens: João 19.26; Apocalipse 12.17.

Em Mateus 12.46, onde são referidos os irmãos de Jesus, vem a nota explicativa para o caso porque cumpre continuar narcotizando os seus fiéis: “*Os irmãos de Jesus* são apenas primos seus, em vários graus. Isso corresponde ao uso oriental que os chama com o nome genérico de irmãos. Com efeito, as línguas hebraica e aramaica não têm o vocábulo próprio para designar os primos, indicando-os, por isso, com a mesma palavra que significa irmão”.

No mesmo diapasão força uma explicação esdrúxula para Mateus 12.49-50: “Verdadeiros irmãos de Jesus são aqueles que, cumprindo a vontade de Deus, vivem a vida dele e estão unidos a Deus pelo vínculo da caridade. Jesus exalta com isso Maria Santíssima, que, acima de toda e qualquer criatura, fez a vontade de Deus e o amou tanto a ponto de ser escolhida para ser mãe do Verbo encarnado”.

Diz o Pontifício Instituto Bíblico que a sua tradução foi feita dos originais do Novo Testamento, que não estão nas línguas hebraicas e aramaica. Estão em grego! E no grego há vocábulos próprios e distintos que designam primo e irmão. Tanto é assim que lá em Lucas 1.36 está assim traduzido – e mui bem traduzido na conformidade com o original grego –: “Isabel, tua parenta”. Por que não colocaram: Isabel, tua irmã?

Toda menção sobre os irmãos de Jesus causa dificuldades aos católicos mais inteligentes, porquanto, reconhecem eles a completa ausência de desdouro ou desonra na mulher mãe de muitos filhos. Será, por acaso, menos digna uma senhora pelo motivo de ter muitos filhos?

Causam mal estar ao clero as referências sobre os irmãos de Jesus. E, por isso, Mateus 13.56 foi contemplado com a seguinte observação: “*De suas irmãs* cumpre entendermos de modo análogo a seus irmãos. Desses primos de Jesus não nos foram conservados os nomes, nem se encontra outra menção nos Evangelhos, senão na passagem paralela de Marcos 6.3”.

São incoerentes os biblistas desse chucro Instituto! Não se pejam do ridículo, contanto que a mariolatria prossiga sua tarefa de imbecilizar os fiéis.

.oOo.

Em correlação com a sacramentaltria e a mariolatria, encontra-se o culto às imagens. Muitos veem no gesto de alguns padres que retiraram algumas imagens dos seus pagodes o cancelamento desse culto, verdadeiro abusão praticado contra a Palavra de Deus.

A bem da verdade, porém, deve-se insistir que o Concílio Ecumênico Vaticano II, ao invés de extinguir esta anomalia, confirmou-a. Ratificou-a!

Suas são, nesse sentido, as expressões: “Observem religiosamente o que em tempos passados foi decretado sobre o culto das imagens de Cristo, da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos” (Constituição Dogmática *“Lumen Gentium”* – § 67).

Em testemunho da permanência desse culto, ao se comemorar o cinquentenário das aparições de Fátima, Paulo VI foi à Cova da Iria, onde, genuflexo, cultuou a imagem fatímica, contrariando as suposições dos ecumeníacos. É muito oportuna a lembrança de que a versão da Bíblia preparada nos fornos da alquimia do Pontifício Instituto Bíblico de Roma seguiu o receituário do Vaticano II e as suas anotações de rodapé são dosadas de acordo com os interesses atuais da seita.

Êxodo 20.1-17 é uma das passagens escriturísticas que mais tem exigido dos clérigos acrobacias de sofisma. Em esclarecimento de rodapé e bem condimentado para os ecumenistas, aludindo aos versos 4-5, diz: “Estes dois versículos são a explicação prática do primeiro mandamento (vv. 2-3); por isso os católicos (e também os protestantes e judeus) comumente não os consideram como mandamento distinto do precedente (vide nota no v. 17). É proibida qualquer representação figurada de falsos deuses”.

E só de falsos deuses? O Pontifício Instituto Bíblico de Roma – às favas o título pomposo! – em matéria de Bíblia é além de competente. Ali nas barbas do papa o contágio da ignorância romanista é facilíssimo! Ignora Deuteronômio 4.15-16, onde o Senhor afirma não ter-se revelado sob nenhuma aparência porque nem dele quer que se faça imagem esculpida alguma! Logicamente Deus proíbe fazerem-se figuras de deuses falsos e de Si mesmo!

Vamos, contudo, apresentar as observações relativas ao versículo 17, como recomenda a nota anterior, onde se encontra a “elucidação” de como a seita católica, tirando o 2º Mandamento, consegue enunciar os dez.

Nesta nota explica o porquê do desdobramento do décimo preceito em dois: “Sendo diferente a paixão que nos faz cobiçar os bens da terra da que move a cobiçar a mulher, o catecismo católico (e também o luterano) vê expressos aqui dois mandamentos distintos, e não um só, como fazem a maioria dos protestantes”.

É! Para o catecismo católico (e também o luterano) – não estamos na era do ecumenismo? – Deus, ao entregar os Seus Mandamentos, esqueceu-se da psicologia das paixões humanas.

E o católico sincero que vai buscar esclarecimentos em uma Bíblia assim chacinada se constitui num verdadeiro problema para ser esclarecido. Acontece-lhe o que a sua hierarquia religiosa quer: convencê-lo de que as suas doutrinas são lastradas nas Escrituras.

.oOo.

9

FINALIZANDO...

Nunca se praticou tanto e com tamanho requinte de perversidade o crime de perverter a mensagem de Deus registrada na Bíblia como nesta era pós-conciliar.

Nessa infernal batalha são empregados todos os recursos e mobilizadas todas as forças.

Diante da norma multissecular aceita pela hierarquia eclesiástica de que o fim justifica os meios, tudo é lícito nesta refrega em prol da salvaguarda da eclesiolatria católica romana.

No decorrer da História têm surgido movimentos imperialistas cujas armas de conquista e de conservação no poder se diversificam extraordinariamente segundo as circunstâncias e as oportunidades.

Uma tática, porém, é sempre adotada. E sempre com resultados positivos.

O símbolo desta tática é o cavalo de Tróia, que levou escondidos para dentro dos muros os próprios inimigos.

Os denominados “inocentes úteis” fazem o papel do cavalo. Inocentemente, com a maior boa vontade, levam para dentro dos seus arraiais os próprios inimigos. Na derrota, todavia, se escusam: “Tive a melhor das intenções...”

Reconheço a boa vontade desses evangélicos entusiastas pelas edições católicas da Bíblia. Gastam, inclusive, dinheiro seu para a sua distribuição entre seus amigos.

Prestam-lhes, contudo, um grande desserviço!

O papa, o indivíduo mais diabolicamente inteligente, quer mesmo o concurso dos evangélicos para esse ministério satânico. E como ele se baba de júbilo ao saber que muitos evangélicos a seu serviço estão cegos e fanatizados a tal ponto de não reconhecerem o mal que estão fazendo.

Se, quando examinava a Bíblia tivesse continuado a fazer uso dessas edições deterioradas com o vírus católico romano, não teria me convertido. Continuaria agrilhoado às correntes da teologia católica pós-conciliar.

Salvo por Jesus Cristo, o Senhor me concedeu muitos privilégios. Dentre os quais se distingue o meu amor pela Bíblia e as forças que a Sua Graça renova em meu coração para lutar com entusiasmo pela integridade e pela pureza da Palavra de Deus.

Constitui-se-me em verdadeira bandeira, em verdadeira conclamação o apelo divino a nos exortar a que batalhemos com denodo, com intransigência, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos (Judas 3).

Que me importam as gloriolas deste mundo? Que me importam os escárnios dos inocentes úteis ao serviço do papa? Que me importam as desconsiderações dos ecumeníacos?

Sei que os servos fiéis do Senhor encontram-se arregimentados em ordem de batalha na defesa da Bíblia. Suas armas são espirituais.

Oram. Leem, estudam, examinam e meditam na Palavra de Deus. Imunizados do vírus herético, anunciam-na ao povo. E o seu ministério, como exuberante cornucópia, produz frutos abundantes para o Reino de Deus. Isto nos encoraja cada vez mais e nos alenta na luta para a glória do Senhor.

Deixemo-los. São pascáciros a serviço do clero e da idolatria. São inocentes úteis a serviço do diabo.

.oOo.

